

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE - UNICENTRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LETRAS NÍVEL
DE MESTRADO EM LETRAS ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: INTERFACES
ENTRE LÍNGUA E LITERATURA**

**A escrita de Eliane Brum em *“Meus desacontecimentos – a história da
minha vida com as palavras”* e a jornada pelas memórias**

ANY M. OSSAK CORDEIRO

Guarapuava

2020

ANY MARY OSSAK CORDEIRO

A escrita de Eliane Brum em “Meus desacontecimentos – a história da minha vida com as palavras” e a jornada pelas memórias

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Centro-Oeste, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, áreas de concentração: Interfaces entre Linguística e Literatura.

Orientadora: Prof^a. Dra. Nírcia Cecília Ribas Borges Teixeira.

Guarapuava

2020

Catálogo na Publicação
Biblioteca Central da Unicentro, Campus Cedeteg

C794e Cordeiro, Any Mary Ossak
A escrita de Eliane Brum em “Meus descontentamentos – a história da minha vida com as palavras” e a jornada pelas memórias / Any Mary Ossak Cordeiro. – – Guarapuava, 2020.
ix, 96 f. : il. ; 28 cm

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Centro-Oeste, Programa de Pós-Graduação em Letras, área de concentração: Interfaces entre Linguística e Literatura, 2020.

Orientadora: Nírcia Cecília Ribas Borges Teixeira
Banca examinadora: Edson Santos Silva, Antônio Donizete da Cruz

Bibliografia

1. Letras. 2. Identidades. 3. Memórias. 4. Escritas de si. 5. Eliane Brum. 6. Singularidadel. Título. II. Programa de Pós-Graduação em Letras.

CDD 800



TERMO DE APROVAÇÃO

Any Mary Ossak Cordeiro

“A ESCRITA DE ELIANE BRUM EM ‘MEUS DESACONTECIMENTOS – A HISTÓRIA DA MINHA VIDA COM AS PALAVRAS’ E A JORNADA PELAS MEMÓRIAS”

Dissertação aprovada em 20/02/2020 como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, UNICENTRO, área de concentração Interfaces entre Língua e Literatura, pela seguinte Banca Examinadora:

Prof.(a) Dr.(a) Níncia Cecília Ribas Borges Teixeira - UNICENTRO - Presidente/Orientador(a)

Prof.(a) Dr.(a) Antonio Donizeti da Cruz – UNIOESTE - Membro Titular

Prof.(a) Dr.(a) Edson Santos Silva – UNICENTRO - Membro Titular

GUARAPUAVA-PR
2020

Agradecimentos

Tem uma música que diz que é engraçado como a gente ganha as coisas que precisa, mesmo sem saber que vai precisar. E nesses últimos tempos eu ganhei tanto, que só tenho que agradecer.

Primeiramente a Deus e a Nossa Senhora por me darem força e sabedoria para poder concluir essa pesquisa. E também por ouvirem meu pedido, no momento em que eu mais precisei.

À professora, amiga e orientadora Nírcia Cecília Ribas Borges Teixeira. Que chegou na minha vida ainda nos primeiros anos da graduação e é a grande responsável por eu estar aqui hoje, prestes a fazer minha defesa do mestrado. Obrigada por depositar a sua confiança em mim. Com toda a certeza você é uma inspiração e tanto, não só como mestre, mas também como mulher. Que um dia Deus permita eu ser um tiquinho de tudo que você é. Obrigada por todas as orientações, por cada verso bonito deixado no fim de cada conversa, obrigada por me ensinar que a educação transforma pessoas, obrigada por me transformar. Foram tantos e tantos ensinamentos, entre eles você me ensinou que “Eles passarão, eu passarinho”!

Ao professor, Antonio Donizete da Cruz, pelo pronto aceite em participar da minha banca e pelas grandiosas contribuições desde a qualificação, que tiveram grande importância para o resultado final da pesquisa. Obrigada também pelos livros enviados.

Ao professor Edson Santos Silva, pela disponibilidade em participar da minha banca. Um presente que encontrei nos corredores do campus Irati. Sabe quando o “santo bate”? Então, bateu. Obrigada pelas contribuições na qualificação, e por trazer um novo olhar sobre minha pesquisa. Professor, o seu jeito de fazer e viver a literatura me encanta. Espero que pelas jornadas da vida ainda possamos trabalhar juntos.

Aos meus colegas do Mestrado. Aqueles que tornaram a caminhada mais leve e divertida. Lais, Hermínia, Paulo, Juliane, Dani, Ana, Priscila e Edan.

À minha família, a melhor que eu poderia ganhar.

À minha vó, dona Rosa. Que resolveu partir bem no dia e na hora da minha qualificação, e me mostrou que eu sou muito mais forte que eu pensava ser. Obrigada vó, espero que aí de cima você esteja orgulhosa de mim. Quando a Ana Vilela disse que a vida é trem bala e que a gente é só passageiro eu não levava tão a sério, até sentir na pele a velocidade da vida e perder em menos de um ano duas pessoas tão especiais. Essa vitória é sua também tia Lódia.

Ao meu vô, Pedro, que mesmo sem entender muito bem o que é um mestrado, sempre pergunta, como vão os estudos.

À minha madrinha Julia e minhas tias, Soely e Lidia. As flores do meu jardim. Que sempre fazem o impossível e o possível para que tudo dê certo e que mesmo sem entender muito bem o que estou estudando tentam ajudar. Afinal, quem disse que uma cuia de chimarrão não faz diferença na hora de escrever a análise? Obrigada por todas as orações, obrigada por tudo e por tanto, amo vocês.

Aos meus pais, Antonia e Ari, os maiores exemplo que eu pude ter. Que sempre me mostraram que a vida não é fácil, mas quando você tem com quem contar, tudo fica mais fácil. E eu só quero agradecer por ter vocês, e por me acompanharem em minhas loucuras. Tudo que fiz e faço, foi, é e sempre será por vocês. Amo muito vocês.

À minha irmã, Arine, que sempre se mostra muito feliz com minhas conquistas. Minhas vitórias são suas também, irmã. E não esquece que você é uma das razões pelas quais eu sempre sigo em frente.

Ao meu amor, que me acompanha desde 2012. Com quem já compartilhei vitórias e superei derrotas. Obrigada por ser o abraço que me acalma, e a palavra que me fortalece. Obrigada por ser meu companheiro. Obrigada por sempre acreditar em mim, Luiz Fernando Pedrozo.

Aos meus amigos, a família que fui descobrindo aos poucos. Alguns chegaram ainda no ensino fundamental e permanecem até hoje, né Scheila, Kawane, Dani,

Irma, Emanuel. Outros chegaram na faculdade, né Ellen e Taís. Também tem minha família guarapuavana, Kauane, Thalyta, Jeferson, Léo, Nidinho e Wal. Outras duas maravilhosas que chegaram por último, mas que já moram no meu coração. Marina e Lirian. Obrigada amigxs por sempre estarem por perto, e por me deixarem bem mais segura daquilo que eu posso ser. A amizade de vocês foi, é e continuará sendo muito importante pra mim.

À Daniela Grisoski. Obrigada por compartilhar comigo desse momento cheio de altos e baixos que se chama mestrado. Estamos quase lá, amiga!

À Lais Buchner. A colega que o mestrado trouxe e que agora tenho a honra de chamar de amiga. Obrigada pelas caronas, pelas correções, pelos chopes, pelos conselhos e obrigada por sempre acreditar e me incentivar. Sem você isso tudo seria muito mais difícil. A forma como você fortalece, com palavras e atitudes, outras mulheres, me encanta. Você é linda e eu amo você.

À Walquiria de Lima. Eu nem sei como posso começar a te agradecer. Você sabe que sem você isso tudo seria muito, muito difícil, pra não dizer impossível. Foi graças ao seu apoio e incentivo que entrei e que agora saio ilesa, dessa aventura chamada Mestrado. Obrigada por fazer valer o significado de amizade. Muito mais que colocar vírgulas, você me faz iniciar capítulos (gostou né?). Você é um presente que Deus me deu e eu tenho a missão de zelar, de você e de nossa amizade. Conte comigo sempre. “É sobre ser abrigo e também ter morada em outros corações”. Amo você, Walzinha.

À Dora, por ser minha companheira e por todos os lambeijos.

À Unicentro que por meio do conhecimento me deu a chance ampliar a minha consciência, desde a graduação.

Por fim, e não menos importante. À CAPES, pela bolsa que permitiu total dedicação à pesquisa.

" Somos a formação dos cafés que tomamos, das pessoas que conhecemos, dos livros que lemos e das viagens que fazemos. Airton Ortiz

RESUMO: Na produção literária brasileira contemporânea, a escrita autobiográfica e memorialística tem se demonstrado como uma vigorosa estratégia para pensar e para criar. Muitos escritores e escritoras refletem sobre suas próprias experiências, contemplando ao mesmo tempo uma escrita crítica e uma escrita criativa, em que muitas vezes estas duas atividades se fundem em uma única, deixando aparecer um texto híbrido. É a partir desta perspectiva, que se realizou a pesquisa, considerando-se, sobretudo o potencial das escritas de si e autobiográficas. Ao propor suas memórias da infância, a jornalista, escritora e documentarista Eliane Brum apresenta um texto que compartilha com seus leitores algumas cenas representativas do ethos infantil. Na obra *Meus Desacontecimentos, a história da minha vida com as palavras* (2014), a escritora descortina o seu passado, e conta a sua vida, especialmente a relação íntima que possui com o mundo das palavras. O objetivo da pesquisa é analisar dados e fatos que se mostram como ponto de partida para refletir sobre as questões políticas e sociais de que tratam, buscando mais que informações, a escrita que tece histórias, revelando o valor das diferentes experiências de vida de cada um, uma forma de noticiar o que há de mais belo no mundo escondido: a existência humana. O referencial teórico utilizado para embasar o trabalho mobiliza conceitos acerca da memória, utilizando como base teórica Maurice Halbwachs (2004) e Joel Candau (2018), autor que também trata do conceito de identidade, para corroborar o tema também será usado Stuart Hall (2019) e Zygmunt Bauman (2005); e para tratar das escritas de si utilizaremos as contribuições de Phillipe Lejeune (2008), entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Identidades; Memórias; Escritas de si; Eliane Brum; Singularidade.

ABSTRACT: In contemporary Brazilian literary production, autobiographical and memorialistic writing has proved to be a vigorous strategy for thinking and creating. Many writers reflect on their own experiences, contemplating both critical writing and creative writing, in which these two activities often merge into one, leaving a hybrid text to appear. It is from this perspective that the research was carried out, considering, above all, the potential of self-written and autobiographical writings. In proposing her childhood memories, journalist, writer and documentary filmmaker Eliane Brum presents a text that shares with her readers some representative scenes of the children's ethos. In the book "*Meus Desacontecimento: a história da minha vida com as palavras*" (2014), the writer unveils her past, and tells her life, especially her intimate relationship with the world of words. The objective of the research is to analyze data and facts that are shown as a starting point to reflect on the political and social issues they deal with, seeking more than information, the writing that weaves stories, revealing the value of each person's different life experiences, a way of reporting what is most beautiful in the hidden world: human existence. The theoretical framework used to support the work mobilizes concepts about memory, using Maurice Halbwachs (2004) and Joel Candau (2018), author who also deals with the concept of identity, to corroborate the theme will also be used Stuart Hall (2019) and Zygmunt Bauman (2005); and to deal with the writings of you we will use the contributions of Phillipe Lejeune (2008), among others.

KEY WORDS: Identities; Memoirs; Written by you; Eliane Brum; Singularity

Sumário

1 INTRODUÇÃO	12
2 ENTRE AS LEMBRANÇAS E O PASSADO: PALAVRAS NO COMPASSO DAS MEMÓRIAS.....	15
2.1 Escritas de si: acontecimentos e desacontecimentos	26
2.2 Eliane Brum : Desacontecimentos	32
2.3 Entre o fato e a ficção: o jornalismo de Brum	36
2.4 Literatura e vestígios do real	50
3 CAMINHOS ATÉ SI MESMA: O AUTOMERGULHO EM DESACONTECIMENTOS	55
3.1 Entre matar ou morrer: escrever	55
3.2 Memória e identidade: articulando diferenças	69
3.3 Eliane Brum: jornalista em eterna construção	85
4 RETICÊNCIAS	90
5 REFERÊNCIAS.....	93

1 INTRODUÇÃO

“A vida de cada um é também a tessitura desse monstruário pessoal no qual vamos nomeando os seres que assombram apenas a nós. Aqueles que nascem de uma mitologia íntima, forjada em nosso confronto com o real, sempre muito mais apavorante.”

Eliane Brum

A capacidade de ouvir e contar histórias, principalmente aqueles que não têm voz, fez de Eliane Brum uma das principais jornalistas brasileiras na atualidade, reconhecida e agraciada com prêmios, tanto em cenário nacional quanto internacional. Por meio da escrita, a jornalista dá voz, em seus livros e reportagens, aos anônimos, àqueles que ninguém vê e/ou ouve. A autora, ao caminhar no campo do jornalismo literário, concede espaços para a escrita factual, mas revela muito dos desacontecimentos, das histórias que não teriam a repercussão da informação rápida, abordando elementos subjetivos e imbricados nas lembranças, apontando características literárias repletas de nuances poéticas, elevando à uma dimensão superior o estilo em conduzir suas narrativas.

Como repórter, cronista e colunista, a autora tem uma vasta bagagem de publicações. O que influencia, diretamente, para que também hajam inúmeros trabalhos acadêmicos a respeito de sua vida e de suas obras. No entanto, no que diz respeito ao livro *Meus Desacontecimentos, a história da minha vida com as palavras (2014)*, a presente dissertação se mostra entre as primeiras, principalmente por trabalhar os conceitos de identidades e memórias.

Na obra *Meus Desacontecimentos, a história da minha vida com as palavras (2014)*, a escritora descortina o seu passado, e conta a sua vida, especialmente a relação íntima que possui com o mundo das palavras. Pelas memórias de infância, narra sua história com as palavras e com a literatura. No livro, Brum engendra uma leitura densa, porque recorda uma infância vivida com toda a sua intensidade, com suas boas e, principalmente, suas mais dramáticas experiências, dividindo-as com o leitor. A jornalista, por meio da palavra, dá significado ao que foi vivido de forma intensa. Dessa maneira, ela sai do silêncio

para virar narrativa, contando seus próprios desacontecimentos. Segundo Mathias, “o autobiógrafo propõe-se decifrar, por detrás do percurso que foi o seu, a identidade que lhe subjaz, a verdade profunda que o anima e determina, a sua unidade, em suma – fundamento e finalidade de sua ambição” (MATHIAS, 1997, p.41).

Logo de início a narradora anuncia: “Esta é a minha memória. Dela eu sou aquela que nasce, mas também sou a parteira” (BRUM, 2014, p.7). Brum propõe uma escrita em que fala de si, e está completamente dentro e presente em cada frase posta no papel. Candau, referência em temas como memória e subjetividade, assevera que é por meio da “retrospecção que o homem aprende a suportar a duração: juntando os pedaços do que foi numa nova imagem que poderá talvez ajudá-lo a encarar a vida presente” (CANDAU, 2018 p.15). Para Beatriz Sarlo, a função da memória seria “fundar um presente em relação com o passado”, (2007, p.97). Para Le Goff (1996, p.477), “A memória procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”. Segundo o autor, o conceito remete-nos “a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa passadas” (1996, p.12). Nesse estudo, o conceito de memória será abordado como fio condutor a partir da qual se costuram as identidades, cujos retalhos são evocados do passado, sob a forma de lembranças.

Bauman (2005) além de afirmar que as identidades são mutáveis, acrescenta que os caminhos percorridos, o modo de agir, as decisões tomadas ao longo da vida são fatores que determinam o pertencimento e a identidade. Segundo Souza (2014, p.98), os discursos culturais servem de âncoras no processo de identificação. “É em razão da construção discursiva da identidade que se faz necessário recorrer à memória: é preciso revolver o passado para narrar-se para construir uma identidade, para constituir-se como sujeito diante do outro e posicionar-se dentro do grupo”. Tornando possível a afirmação de Candau (2018, p.18) de que “a memória é a identidade em ação”.

Em face do exposto, esta pesquisa analisa os traços de memória e identidades contidos na obra autobiográfica, *Meus Desacontecimentos, a história da minha vida com as palavras* (2014), da jornalista Eliane Brum. Evidenciando assim, o modo como a escrita literária corrobora a construção da

sua identidade. Verificando, desta forma, de que maneira a memória atua como fio condutor na construção das identidades da escritora na medida em que ambas são construções sociais.

A pesquisa tem caráter quantitativo, pois se caracteriza por atribuir interpretações de natureza subjetiva. É, também, bibliográfica por utilizar fontes secundárias de informação, ou seja, livros, artigos, revistas e artigos científicos, o enfoque recai em características mais complexas e não-quantificáveis.

Partindo do fato de que a escolha do método é o primeiro passo para a construção de toda a investigação científica, a metodologia escolhida foi a Hermenêutica, esta não é uma mera técnica de estudo, mas um método que pode expor de modo profundo a realidade e o conhecimento. Para Gadamer (2003), o método hermenêutico é mediador no processo de interpretação dos textos. Este autor assevera que uma obra artística possui particularidades que são próprias a si, pois revelam uma opção subjetiva do ator (a). Porém, o sujeito, que também é conhecedor por meio de suas subjetividades, acrescenta, durante a compreensão do que vê, ouve ou lê, os conhecimentos que lhe são próprios, mesmo que sejam estranhos aos objetos. Assim, todos podem dar uma interpretação específica para os textos, pois somos construídos por impressões diferentes no decorrer de nossa formação.

O presente trabalho, além do que já expomos, discute a relação entre memória e identidade, voltando-se para as escritas de si. A base teórica utilizada para tratar do elemento memória será de Maurice Halbwachs (2004) e Joel Candau (2018), autor que também trata do conceito de identidade, para corroborar o tema, também será usado Stuart Hall (2019) e Zygmunt Bauman (2005); e para tratar das escritas de si, utilizaremos as contribuições de Phillippe Lejeune (2008), entre outros.

2 ENTRE AS LEMBRANÇAS E O PASSADO: PALAVRAS NO COMPASSO DAS MEMÓRIAS

“Escrever, para mim, é um ato físico, carnal. Quem me conhece sabe a literalidade com que escrevo. Eu sou o que escrevo. E não é uma imagem retórica. Eu sinto como se cada palavra, escrita dentro do meu corpo com sangue, fluídos, nervos, fosse de sangue, fluídos, nervos. Quando o texto vira palavra escrita, código na tela de um computador, continua sendo carne minha. Sinto dor física, real e concreta, nesse parto”. (Eliane Brum)

A memória pode ser traduzida como sendo as reminiscências do passado que afloram no pensamento de cada um, no momento presente; ou, a capacidade de armazenar dados, ou informações, referentes aos fatos vividos no passado. Partindo das definições que abrangem este termo, e que perpassam áreas como Psicologia, Filosofia e Sociologia, busca-se, agora, entender o seu funcionamento, situando a memória no campo da pesquisa da presente dissertação. Para Le Goff (1996, p.477):

A memória procura salvar o passado para servir o presente e o futuro”. Segundo o autor, o conceito remete-nos “a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa passadas (1996, p.423).

Henri Bergson, em sua obra *Matéria e Memória (2006)*, compreende a memória a partir de uma perspectiva individual, considerando os fenômenos desta em relação ao indivíduo e suas recordações, com base nas representações que cada um faz do passado. O autor afirma que há dois tipos de memória, que se apoiam uma na outra. De um lado a *memória-hábito*, referente aos mecanismos motores, que é adquirida pelo esforço da atenção e pela repetição de gestos ou palavras. “Trata-se de um exercício que, retomando até a fixação transforma-se em um hábito, sabemos ‘de cor’ os movimentos que exigem, por exemplo, o escrever, o dirigir um automóvel, o costurar [...] A memória-hábito faz parte de todo o nosso adestramento cultural” (BOSI, 1994, p. 49).

Do outro lado, a lembrança pura, que, quando se atualiza na *imagem-lembrança*, traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível da vida. A lembrança de um acontecimento, é uma representação. Essa memória registraria, “sob a forma de imagens-lembranças todos os acontecimentos de nossa vida cotidiana à medida que se desenrolam [...] Sem segunda intenção de utilidade ou de aplicação prática, armazenaria o passado pelo mero efeito de uma necessidade natural” (BERGSON, 2006, P. 88). Além do que simplesmente conservar o passado, essa memória o encena, prolonga seu efeito útil até o momento presente (2006, p.89).

Sobre isso, Bosi também discorre. Para ela “a imagem-lembrança tem data certa: refere-se a uma situação definida, individualizada, ao passo que a memória-hábito já se incorporou às práticas do dia-a-dia” (BOSI, 1994, p.49). Nessa forma de memória estão armazenadas as lembranças espontâneas, as quais foram registradas naturalmente. E são essas memórias, como lembrança pura, que Eliane Brum retrata em sua autobiografia, o passado, principalmente, os acontecimentos vividos ainda na infância, registrados naturalmente e que ganham corpo, ou melhor, transformam-se em palavras e narrativas. Em seus escritos, a autora deixa claro que as lembranças, sejam elas boas ou ruins, estão vivas em sua memória.

Desde o início o mundo doeu em mim. Dentro, mas também fora. Alguns creem que as memórias da primeira infância ou são boas ou não existem, temerosos de que até o mito da infância feliz lhes escape. São os que preferem não lembrar. Eu lembro muito, sempre lembrei (BRUM, 2014, p.11).

De acordo com Bergson, o homem conserva o passado sob a forma de imagens, as quais se tornam imagens-lembranças. Imagem é definida pelo autor como “uma experiência situada a meio caminho entre a ‘coisa’ e a representação” (2006, p.2), ou seja, a imagem não é o objeto e também não é a representação desse objeto. “E a lembrança, está entre o espírito e a matéria, da mesma forma que a imagem” (p.5).

No estudo de Bergson defrontam-se, portanto, a subjetividade pura (o espírito) e a pura exterioridade (a matéria). À primeira filia-se a

memória; à segunda a percepção. Não há, no texto de Bergson, uma tematização dos sujeitos-que-lembram, nem das relações entre os sujeitos e as coisas lembradas (BOSI, 1994, p.54).

Ao ler Bergson, Ecleia Bosi afirma que:

*A burning question*¹ de Bergson consiste em provar a espontaneidade e a liberdade da memória em oposição aos esquemas mecanicistas que a alojam em algum canto escuro do cérebro. Bergson quer mostrar que o passado se conserva inteiro e independente no espírito; e que o seu modo próprio de existência é um modo inconsciente (BOSI, 1994, p.51).

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Essa interferência pode ser notada no trecho em que a autora expõe características próprias que surgiram na infância e que permanecem até hoje: “[...] me vejo sentada no chão, perto da porta, gritando até minha vó vir me resgatar com suas pernas artríticas. Eu era uma criança silenciosa, que quando abria a boca gritava sem parar. Silenciosa e gritadora, acho que sou assim até hoje”, (BRUM, 2014, p.18).

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (BERGSON *apud* BOSI, 1994, p.47).

Ainda em sua obra denominada *Matéria e Memória* (2006), Bergson entende que não se pode falar em acúmulo de lembranças, o sujeito não acumula seu passado sob a forma de lembrança num compartimento de seu cérebro. A memória seria, um conjunto de imagens e, ao corpo, não cabe armazenar lembranças, “mas simplesmente escolher, para trazê-la à consciência distinta graças à eficácia real que lhe confere, a lembrança útil,

¹ A pergunta que mais arde/ que está queimando.

aquela que completará e esclarecerá a situação presente em vista da ação final” (BERGSON, 2006, p.209).

Para Ecléa Bosi, o cuidado maior do autor “é o de entender as relações entre a conservação do passado e a sua articulação com o presente, a confluência de memória e percepção” (BOSI, 1994, p.49) “Importa, porém, reter o seu princípio central da memória como *conservação do passado*; este sobrevive, quer chamado pelo presente sob as formas da lembrança, quer em si mesmo, em estado inconsciente” (BOSI, 1994, p.53). Para Bosi, a lembrança é a sobrevivência do passado. “O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembranças” (1994, p.53)

Assim como Bergson, Joel Candau considera a memória a partir da perspectiva individual. Para ele:

a memória é acima de tudo, uma reconstrução continuamente atualizada do passado, mais do que uma reconstituição fiel do mesmo: “a memória’ é de fato mais um enquadramento do que um conteúdo, um objetivo sempre alcançável, um conjunto de estratégias, um ‘estar aqui’ que vale menos pelo que é do que pelo que fazemos dele” (CANDAU, 2018, p.9).

Candau propõe uma classificação para os tipos de memória. A primeira forma de memória é a protomemória, uma memória de baixo nível. Trata-se de uma “memória social incorporada, por vezes marcada ou gravada na carne, bem como as múltiplas aprendizagens adquiridas na infância, [...] transmissão social que ‘nos ancora em nossas práticas e códigos implícitos’, costumes introjetados no espírito” (CANDAU, 2018, p.22). Essa primeira forma de memória pode ser associada à memória-hábito proposta por Bergson.

A outra forma de memória, proposta por Candau, é a memória propriamente dita, uma memória de alto nível, responsável pelas recordações ou reconhecimentos: pela “evocação deliberada ou invocação involuntária de lembranças autobiográficas, [...] A memória de alto nível, feita igualmente de esquecimento, pode beneficiar-se de extensões artificiais que derivam do fenômeno geral de expansão da memória.” (CANDAU, 2018, p.23).

Por último, a metamemória, que é “a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela e, de outro, o que diz dela, dimensões que remetem ao modo de afiliação de um indivíduo ao seu passado” (CANDAU, 2018, p.23). É nessa representação que os marcos sociais atuam, situando o indivíduo em relação à sociedade.

Partindo da perspectiva individual, e levando em consideração os fenômenos da memória com relação ao indivíduo e as suas recordações, pautando-se pelas representações que cada um faz do seu passado, ainda que elementos externos (os marcos sociais) sejam evocados para a construção das memórias do sujeito, o autor acredita que a faculdade memorial, que realmente se pode atestar, é a memória individual. Candau justifica sua posição definindo o que se chama de memória coletiva como uma das formas da faculdade memorial: “ a expressão ‘memória coletiva’ é uma *representação*, uma forma de metamemória, quer dizer, um enunciado que membros de um grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros desse grupo” (CANDAU, 2018, p.24).

Segundo Souza (2014), na obra *Antropología de la memoria (2006)*, Joel Candau esclarece sua postura teórica, e se posiciona, a respeito da noção de memória coletiva formulada por Halbwachs. “O autor entende que é mais adequado pensar em marcos sociais da memória e não em memória coletiva e, assim, reafirma sua visão acerca da memória individual e da memória coletiva.” (SOUZA, 2014, p.102).

*Esta noción de marcos sociales de la memoria es mucho más convincente que la de memoria colectiva. Parece indiscutible que ‘ completamos nuestros recuerdos ayudándonos, al menos em parte, com la memoria de los otros’. La reconstrucción de um recuerdo passa por la de las circunstancias del acontecimiento pasado y, por consiguiente, de los marcos sociales o colectivos entre los que se encuentra el lenguaje, el marco social que mayores restricciones presenta: las convenciones verbales, las simples palabras que la sociedad nos propone tiene um poder evocador y proporcionan el sentido de esta evocación como, por otra parte, cualquier edeación*²(CANDAU *apud* SOUZA, 2014, p. 103).

² Nossa tradução para o trecho: “Essa noção de quadros sociais da memória é muito mais convincente do que a da memória coletiva. Parece indiscutível que "completamos nossas memórias ajudando-nos, pelo menos em parte, com a memória dos outros". A reconstrução de uma memória passa pelas circunstâncias do evento passado e, conseqüentemente, pelas estruturas sociais ou coletivas entre as quais a linguagem, a estrutura social que apresenta as maiores restrições: as convenções verbais, as simples palavras que a

A partir da noção de marcos sociais, o autor explicita que não existe memória estritamente coletiva ou individual, os marcos sociais fazem parte da memória individual. “Candau compreende a memória humana como uma faculdade individual influenciada ou moldada por marcos sociais, porém isso não torna a memória coletiva” (SOUZA, 2014, p.103). “Estos marcos no son solamente un envoltorio para la memoria, sino que ellos mismos integran antiguos recuerdos que orientan la construcción de los nuevos” ³(CANDAU *apud* SOUZA, 2014, p.103). Um exemplo de marco social pode ser encontrado no conto “O túmulo vivo”, quando a autora conta a tradição da família em relação ao dia dos mortos. “A cada Dia dos Mortos, eu acompanhava meu pai levando flores para Luzia [...] Hoje continuo seguindo o meu pai em seu ritual. Não no Dia de Finados, porque nem sempre estou lá. Mas em qualquer dia, pelo menos uma vez por ano. Levo flores para Luzia”, (BRUM, 2014, p.67/68).

Bergson (2006) e Candau (2018) nos dão um parâmetro de memória a partir de uma perspectiva individual, considerando os fenômenos da memória com relação ao indivíduo. Dessa forma, há a falta de um tratamento da memória como fenômenos sociais. Sobre o tema, Halbwachs (2004) pode nos dar um aporte teórico. O sociólogo discorre sobre a relação entre memória e sociedade, abrangendo tais conteúdos e situando a memória num ponto de vista coletivo, sendo está a memória coletiva.

A escola sociológica francesa, inicialmente por meio de Durkheim, vê o homem como um produto do meio social. É de acordo com essa perspectiva que Halbwachs procura dar conta da presença do social no domínio da memória. Em seu livro *A memória coletiva* (2004), o autor distingue memória coletiva e memória individual conforme organização do passado sob a forma de lembrança. Quando o passado é resguardado no quadro de sua personalidade, ou de sua vida pessoal, ele é visto do seu ponto de vista, trata-se, desta forma, da memória individual, interior ou pessoal. De outro lado, se as lembranças se

sociedade nos propõe têm um poder evocativo e de fornecer o significado dessa evocação como, por outro lado, qualquer ideação”.

³ Nossa tradução para o trecho: “Esses quadros não são apenas um invólucro de memória, mas também integram memórias antigas que orientam a construção de novas”.

distribuem dentro de uma sociedade, grande ou pequena, da qual são imagens parciais, trata-se de uma memória exterior ou social (coletiva).

Segundo Halbwachs, as duas memórias se interpenetram, uma vez que “a memória individual pode, para confirmar algumas de suas lembranças, para precisá-las, e mesmo para cobrir algumas de suas lacunas, apoiar-se na memória coletiva” (2004, p.57). Bosi, ao citar o autor, afirma que “Halbwachs amarra a memória da pessoa a memória do grupo; e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade” (BOSI, 1994, p.55). A autora também concorda sobre o fato de que as duas memórias se completam, já que “a memória grupal é feita de memórias individuais” (1994, p.419). Nas narrativas, Eliane Brum relata inúmeras histórias de sua vida, e em todas elas é possível identificar que outras pessoas estavam presentes (nem sempre fisicamente) nessas vivências, entre elas Luzia que, apesar de não conhecê-la, trouxe grandes ensinamentos por meio das memórias contadas por seu pai.

Nasci não de um, mas de vários túmulos. E um deles era um túmulo vivo [...] Seu nome, Luzia. Ela, que era um contraditório na brutalidade do mundo, fez do nome um destino. E com ele iluminou o nosso, o meu. [...] Luzia iluminou primeiro o nome do meu pai. [...] E eu? Fui salva pela mulher que só conheci como lenda. Luzia, a do túmulo vivo (BRUM, 2014, p.63-65).

Para o autor, a memória individual deriva da memória coletiva, desta forma, “diríamos voluntariamente que cada memória individual é um ponto de vista da memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali ocupo, e que este lugar muda segundo as relações que mantenho com os outros meios” (HALBWACHS, 2004, p.55). Sendo assim, o autor afirma que,

Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referências que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio (HALBWACHS, 2004, p.58).

Esses referentes estruturam a memória e combinam-se com as memórias pessoais de modo que não haja distinção entre as lembranças individuais e as coletivas. “A memória se enriquece de bens alheios que, desde que se tenham enraizados e encontrado seu lugar, não se distinguem mais das outras lembranças” (HALBWACHS, 2004, p.82). Isto demonstra que a memória individual não está fechada em torno de si mesma. E que, ao apoiar-se nas lembranças de outros, “nossa confiança na exatidão da nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias” (HALBWACHS, 2004, p.29). O autor apoia a sua tese no fato de que, desde a infância, o sujeito nunca está sozinho, mesmo que os acontecimentos sejam vividos solitariamente, eles são percebidos enquanto lembranças que permanecem coletivas.

Nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembranças pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós tivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque em realidade, nunca estamos sós. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem (HALBWACHS, 2004, p.30).

Sendo assim, segundo o autor, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível, não são necessários, já que as lembranças formuladas por alguns sujeitos e herdadas de outros indivíduos, sejam da própria família ou pertencentes a algum grupo comum, são armazenadas, incorporadas e tidas como nossas. Ecléa Bosi, em seu livro *Memória e Sociedade (1994)*, afirma que é preciso reconhecer que muitas das nossas lembranças, e de nossas ideias, não são originais, pois foram inspiradas nas conversas com os outros.

Com o decorrer do tempo, elas passam a ter uma *história* dentro da gente, acompanham nossa vida e são enriquecidas por experiências, embates. Parecem tão nossas que ficaríamos surpresos se nos dissessem o seu ponto exato de entrada em nossa vida (BOSI, 1994, p.407).

A autora registra que, na maioria dos casos, esse não é um processo consciente. Um dos primeiros lugares que esse processo acontece é no grupo

familiar, pois nele o lugar do indivíduo é destinado, já que o vínculo que o ata à sua família é irreversível. “Na verdade, nossas primeiras lembranças não são nossas, estão ao alcance de nossa mão no relicário transparente da família” (BOSI, 1994, p.425). Eliane traz em seu livro lembranças de momentos que aconteceram antes mesmo do seu nascimento,

Meu pai tinha construído uma casa para se casar, como se esperava de um homem de bem, e plantado roseiras de várias cores, tão bonitas que vinha gente espiar nos finais de semana. Quando minha irmã morreu de uma doença misteriosa, com apenas cinco meses de vida, foi velada nessa casa. Aprendi a reconhecer minha irmã nas fotos [...] cinco anos depois da morte da minha irmã, eu nasci para reatar os fios. Mas como, se já nasci partida? Dizem que meu pai quebrou um vaso do hospital ao saber do meu nascimento. Meu pai, tão sério, tão contido, quebrou (BRUM, 2014, p.16/17).

Seguindo essa mesma linha, Pollak(1989) concorda com Halbwachs (2004) no que se refere à memória numa perspectiva coletiva, pois, para o autor, a memória é uma “operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar” (1989, p.9).

Por meio das considerações dos teóricos abordados, sintetiza-se a ideia de que a memória é o instrumento que permite a atuação do passado no presente por meio das lembranças. “Pela retrospectiva o homem aprende a suportar a duração: juntando os pedaços do que foi numa nova imagem que poderá talvez ajudá-lo a encarar a vida presente” (CANDAU, 2018 p.9). Logo, para Beatriz Sarlo, a função da memória seria “fundar um presente em relação com o passado” (2007, p.97).

Resta delimitar o que alguns autores entendem por lembrança. Para Bergson, a lembrança é uma imagem do passado conservada pelo sujeito “Assim, no ato de rememoração o que é lembrado não é o objeto em si ou o acontecimento em si e sim a impressão desse passado, a sensação que esse passado faz surgir no sujeito” (BERGSON *apud* SOUZA, 2014, p. 105). “Quando se escrevem memórias de palavras, os tempos se misturam. O passado não existe, assim como o futuro. O que há é um eu inventado um passado e um futuro, no presente”, (BRUM, 2014, p.18).

Portanto, ao rememorar, as lembranças tendem a não ser uma imagem fiel, pois recobrem umas às outras, e se atualizam, levando em consideração os acontecimentos vividos pelo sujeito até a atualidade, por isso, o que surge no presente, pode ser diferente do que foi vivenciado no passado. “No processo de mobilização memorial necessário a toda consciência de si, a lembrança não é imagem fiel da coisa lembrada, mas outra coisa, plena de toda a complexidade do sujeito e de sua trajetória de vida”, (CANDAU, 2018, p.65). Bergson (2006) concorda com Candau (2018), ao ponto que afirma que “incontestável verdade de que a lembrança se transforma à medida que se atualiza” (2006, p.159).

Halbwachs pensa a lembrança como imagem e define-a como “uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada” (2004, p.75/76).

Para o psicólogo William Stern, a unidade pessoal conserva intactas as imagens do passado, mas pode alterá-las conforme as condições concretas do seu desenvolvimento. “A memória poderá ser conservação ou elaboração do passado, mesmo porque o seu lugar na vida do homem acha-se a meio caminho entre o instinto, que se repete sempre, e a inteligência que é capaz de inovar” (STERN *apud* BOSI, 1994, p.68). O passado, é portanto, trabalho qualitativo:

A função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que é mais apropriada a ele. O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à hierarquia do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo (STERN *apud* BOSI, 1994, p.68).

Mais uma vez, a autora expõe a importância de uma inteligência do presente na evocação do passado: “um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais. Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito” (BOSI, 1994, p.81). Portanto, o passado é visto como fonte para o presente e para o futuro. “A rememoração dá forma aos nossos elos com o passado, e os modos de rememorar nos definem no presente. Como indivíduos e sociedades, precisamos do passado para construir

e ancorar nossas identidades e alimentar uma visão do futuro” (HUYSSSEN, 2000, p.67).

Sendo a memória, o instrumento capaz de trazer o passado para o presente, é inevitável que ocorra uma seletividade da memória, já que não é possível evocar todas as lembranças do indivíduo, por isso, ocorre uma seleção fazendo emergir as imagens do passado que estão de acordo com as intenções atuais do sujeito, ou citando Candau, “a memória opera escolhas afetivas” (CANDAU, 2018, p.169).

Para que a lembrança tome forma, complete-se e ressurja no presente, são necessários alguns aspectos. Entre eles está o que Pierre Nora (1993), em seu artigo *Entre memória e história*, chama de lugares de memória. Aspecto que dá forma e permite a sustentação (arquivamento) da memória.

Nora destaca que a memória moderna “é uma memória registradora, que delega ao arquivo o cuidado de se lembrar por ela e desacelera os sinais onde ela se deposita, como a serpente sua pele morta” (1993, p.15). São esses lugares que detêm a memória e que fazem a mediação da relação do homem com seu passado, portanto, se faz necessário um meio material para alojar essas lembranças. Para o autor, esses lugares de memória surgem à medida que a memória tradicional se esvai, e então, nasce a necessidade de montar um dossiê do passado que “devesse se tornar prova em não se sabe que tribunal da história” (NORA, p.15). Além de registrar o passado, esses lugares de memória têm, por finalidade, ser aporte para a construção narrativa do passado, pois, a rememoração se operacionaliza por meio da narração. E por meio dessas construções discursivas é possível atribuir sentido ao passado, um grande exemplo disso são as autobiografias, textos que procuram, por meio das memórias próprias e/ou coletivas, recordar acontecimentos que fazem parte de uma subjetividade. Assim, Candau (2018, p.24) defende que “cada um de nós tem uma ideia de sua própria memória e é capaz de discorrer sobre ela para destacar suas particularidades, seu interesse, sua profundidade ou suas lacunas”.

2.1 Escritas de si: acontecimentos e desacontecimentos

"e é tão difícil quanto arriscado escrever sobre o que está em movimento, sem a proteção assegurada pelo distanciamento histórico. Poucos são os intelectuais que se arriscam a sair do conforto de seus feudos para enfrentar o debate público com suas dúvidas. E por isso aqueles que se arriscam de forma honesta, sem ficar arrotando suas certezas e suas credenciais, ou usando-as para massacrar aqueles que já são massacrados, são tão preciosos. (Eliane Brum)

O espaço da literatura, da criação literária e da leitura, na perspectiva discursiva, confere ao sujeito, em nossa cultura, um lugar especial e destacado. A arte de escrever na modernidade, segundo Luis Fernando Duarte, é uma “criação solitária, que envolve a psicologia dos personagens e a psicologia do autor, axiada sobre o tema da ‘inspiração íntima’, devendo brotar das profundezas do indivíduo-autor” (DUARTE, 1981, p.43).

Envolve, ainda, uma linguagem própria ao sujeito criador, em um funcionamento que privilegia a polissemia e os efeitos de deslocamento. A arte de escrever, vigente culturalmente, além de ser uma prática solitária, é também da ordem da intimidade, pois revela na sua especificidade - o domínio da linguagem - o seu ancoramento ao primeiro termo da dicotomia indivíduo x sociedade, no âmbito da literatura. Nos domínios discursivos, a arte de escrever relaciona-se com a inscrição do sujeito em formações discursivas, que determinam o que ele pode/deve dizer, (PÊCHEUX, 1997, p. 160), apesar de que, para o sujeito, seu discurso parece ser da ordem do individual, pela ilusão que ele tem de ser a origem do dizer, e de esquecer-se de que “retomamos sentidos pré-existentes” (ORLANDI, 2002, p. 35).

A literatura constitui-se como texto e circula socialmente, convocando sujeitos à interpretação e, apesar de pertencer à ordem da criação, para ser compreendido, tem sempre um fundo de realidade, pois se consubstancia no/pelo mundo. É no texto que o desvio é valorizado como manifestação da individualidade, mesmo que esta individualidade se concretize por

esquecimentos e ilusões. Orlandi (2002, p. 35) diz que “embora se realizem em nós, os sentidos apenas se representam como se originando em nós: eles são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isso que significam e não pela nossa vontade”. Entretanto, uma vez valorizada e enquadrada como desvio, a literatura adquire legitimidade própria, que lhe confere plena liberdade de criação, e tudo se torna possível já que não possui responsabilidade social e pode, por isso mesmo e nestes limites, “revelar à sociedade sua loucura, propor questões, permitindo o prazer na dúvida”. Como discurso do desvio por excelência, [...] a literatura pode sê-lo sob o preço de nunca se tornar o discurso da sociedade” (COSTA LIMA, 1983, p.65).

No que diz respeito ao escritor, a tensão entre o imaginário e o real sofre um rebatimento para o plano do "eu". Ainda, segundo Costa Lima (1983, p.228), “o imaginário tem relação direta com a possibilidade de ampliar o que chama de ‘ângulo de refração’ das experiências pessoais do escritor”. Para o autor, essa é a expressão usada para contestar a noção de reduplicação especular, segundo a qual, as figuras compostas pelo escritor seriam meros reflexos ou projeções de seu eu.

Assim, ao mesmo tempo em que o imaginário permite a "transformação" do escritor em personagens que nada têm a ver com ele, tal transformação é alimentada pela refração de sua experiência pessoal (esta, vivida no plano da "realidade"), o ângulo de refração sendo o espaço no interior do qual se estabelece a tensão entre o eu imaginário e o eu "real".

Desse modo, o "eu" do escritor na narrativa ficcional dissipa-se no espaço aberto pelo ângulo de refração, permitindo ao escritor inventar múltiplas possibilidades, imaginar-se, enfim, "um outro", que na verdade é a imagem dele mesmo, instaurando efeitos de movência do eu e a possibilidade de chorar pela morte de um personagem, como se estivesse sendo "possuído" por, ou se "metamorfoseando", em sua criação.

De tudo isso, depreende-se que a ficção, se questionada corretamente, fornece aspectos sociais que não são encontrados na historiografia oficial. Um dos fatores determinantes para esse acontecimento é o descompromisso da obra literária com a ordem da verdade, do real. Cabe ao estudioso da obra,

então, identificar nela uma realidade, ilusoriamente, peculiar, pessoal e individual do autor, posto que se trata de transfigurar, mistificar, reconfigurar o específico de certa realidade. Mesmo assim, vale destacar, citando Pêcheux (1997), a interpelação ideológica e o atravessamento pelo inconsciente, fazendo com que a literatura, assim como outros textos, guarde a narrativa e sua característica de objeto construído de acordo com a ideologia de quem escreve, apagando o fato de que “quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. [...] Isso não significa que não haja singularidade na maneira como a língua e a história nos afetam” (PÊCHEUX, 1997, p.36), mas que a língua e a história se realizam nos sujeitos como materialidade.

Assim, a literatura está no campo do “vir a ser”, e não do já realizado. O romancista se utilizará de seus personagens para expor suas ideias, sua percepção. Brockmeier (2003) assevera que uma das funções essenciais da narrativa como arte é, portanto, subjetivar o mundo.

As narrativas em primeira pessoa, com traços biográficos, são uma forte característica da literatura brasileira contemporânea. Sob o conceito de “escrita de si”, há diferentes gêneros literários, como biografias, autobiografias, romances autobiográficos, autoficções, autobiografias ficcionais, dentre outros.

Escritas de si que podem se apresentar como narrativas constituídas como um tipo peculiar de biografia e/ou de ficção; romances que parecem autobiografias, mas também poderiam ser autobiografias que se apresentam como romances. Sendo assim, parece-me importante discutir e articular conceitos como “autobiografia”, “romance autobiográfico”, “autobiografia ficcional” e “autoficção”, cada vez mais recorrentes na teoria literária que se preocupa em pensar a produção contemporânea, e cujos limites se mostram, permanentemente, em disputa, sobretudo, porque no panorama atual, em meio às formas canônicas ou clássicas de escritas de si, há uma série de obras híbridas ou entre-gêneros.

Em seu texto “O que é um autor?”, Foucault (1994) faz uma análise do conceito de autor no modo como o texto aponta para essa figura que – agora só aparentemente – é exterior e anterior a ele. Na escritura, diz Foucault (1994, p.793), “não se trata da sujeição de um sujeito a uma linguagem, trata-se da

abertura de um espaço no qual o sujeito que escreve não deixa de desaparecer”. Segundo Gass (1994), uma autobiografia tem início com a memória e com a divisão do eu em aquele que foi e aquele que é. “Como tem início uma autobiografia? Com a memória. E com conseqüente divisão do eu em aquele-que-foi e aquele-que-é. Aquele-que-é tem a vantagem de já ter sido aquele-que-foi” (GASS, 1994).

A definição de autobiografia pode ser encontrada no próprio nome: biografia de uma pessoa feita por ela mesma, ou seja, a apresentação de sua vida em grafias ou escritas, portanto, escritas de si. Phillippe Lejeune define a autobiografia como uma “narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14).

A escrita de si se delinea como um exercício literário típico da modernidade. A arte de escrever, vigente culturalmente, além de ser uma prática solitária, é também da ordem da intimidade, pois revela na sua especificidade - o domínio da linguagem - o seu ancoramento ao primeiro termo da dicotomia indivíduo x sociedade, no âmbito da literatura.

Tanto em mente a definição de autobiografia formulada por Lejeune (2008), a grande parte das autobiografias convencionais escritas hoje em dia parecem assumir o princípio da sinceridade do enunciado. De forma simétrica, o “pacto romanescos” acontece, para Lejeune, quando há dois aspectos: “prática patente da não-identidade (o autor e o personagem não têm o mesmo nome), atestado de ficcionalidade (é, em geral, o subtítulo romance, na capa ou na folha de rosto [...])” (LEJEUNE, 2008, p. 27).

No entanto, em obras em que o nome do personagem não coincide com o nome do autor na capa, mas cuja história se assemelhe à do próprio autor, Lejeune afirma haver um “pacto fantasmático”, uma forma indireta de pacto autobiográfico que convida o leitor a ler esses romances, não apenas como ficções, mas também como fantasmas que revelam um indivíduo. O acordo tácito com o leitor se dá com o distanciamento entre o autor, o narrador e o protagonista, por meio da diferença entre os respectivos nomes, bem como por

meio de informações paratextuais que corroboram o caráter ficcional da obra. Segundo Tiago Velasco,

Um problema que surge a partir da polarização determinada pelos pactos de Lejeune diz respeito à dicotomia realidade/ficção. Na literatura, essa dicotomia sugere que a ficção se situa no âmbito da criação, da imaginação, enquanto a autobiografia estaria calcada na ideia de verdade. Nesse trabalho, problematizamos as noções de realidade e ficção na literatura a partir de quatro eixos: o da crítica à apreensão do “real”; o da temporalidade e das regras narrativas, que subordinam qualquer história à ficcionalidade; o da memória, como lugar de reinterpretação constante e de criação do passado; e, por último, entendendo que as escritas de si são performances do autor e, portanto, servem à construção do mito desse autor, é a forma de sua apresentação aos leitores que passa a ser central no ato autobiográfico. (VELASCO, 2015, p.5)

Para Sibilía (2008, p.33), as escritas de si “não só testemunham, mas também organizam e concedem realidade à própria existência. Essas narrativas tecem a vida do eu e, de alguma maneira, a realizam”. Para Souza (2014, p.91), “ao narrar-se, o sujeito mobiliza seu arsenal de experiências; põe em ação tudo o que o constitui para construir uma narrativa de si e consolidar um novo Eu”.

Costa Lima (1986) compara textos autobiográficos com espelhos, implacáveis quanto à imagem reproduzida, que não deixarão impunes quaisquer sinais indesejados da passagem do tempo ou de uma deformidade física. Mas, diferentemente dos espelhos, as autobiografias permitem que o autobiógrafo corrija as imperfeições que certamente seriam explicitadas pelo reflexo.

A distância temporal que existe entre o ato da escrita e o ato narrado facilita que o escritor seja condescendente consigo e repare a ação do tempo e/ou emende os acontecimentos de modo a torná-los consortes à sua vontade. Desse modo, o eu da autobiografia seria antes de tudo, um eu estilizado do que um eu “real”, o que problematizaria, justamente, a noção de verdade contida no relato de uma vida.

Nessa direção, cabe o questionamento do crítico sobre a tendência de se confundir autobiografia com literatura, como se aquela pertencesse ao campo da ficção. Para Costa Lima,

uma explicação plausível parece ser a seguinte: a concepção normal e mais extensa de literatura combina duas determinações de origem e sentido diversos. A primeira, proveniente do Renascimento, a segunda, do Romantismo. A camada historicamente mais antiga identifica a literatura com uma forma nobre de eloquência, com uma certa exploração da combinação das palavras, visando o deleite do receptor (COSTA LIMA, 1986, p. 248).

Ao narrar-se, Eliane Brum dá forma ao tempo vivo (passado), portanto, recorre às suas memórias, e esse é o ponto crucial na relação entre memória e identidade, pois ganha forma por meio da escrita. No primeiro conto da autobiografia, intitulado “Prelúdio”, a escritora deixa claro a importância das palavras para sua vida.

Lembro que, quando tudo começou, era escuro. E hoje, depois de todos esses anos de labirinto, todos esses anos em que avanço pela neblina empunhando a caneta adiante do meu peito, percebo que o escuro era uma ausência. Uma ausência de palavras. Essa escuridão é minha pré-história. Eu antes da história, eu antes das palavras. Eu caos (BRUM, 2014, p.9).

Assim, confere significado ao tempo vivido e, conseqüentemente, às experiências da autora. Canclini (2006, p.139) entende a identidade no mesmo sentido, observando que “a identidade é uma construção que se narra”.

De acordo com Rocha (1992), “ler autobiografias, testemunhos, memórias, confissões ou entrevistas é experimentar uma dupla atração, pelo enigma da vida e pelo da escrita” (p.23). Magistralmente, a escritora une as duas vertentes em *Meus desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*.

Para Remédios (1997), a literatura confessional (autobiográfica) é aquela que mais se aproxima do leitor, porque fala de um eu, de uma pessoa viva que ali se encontra e que, diante do leitor, desnuda sua vida, estabelecendo-se, então, uma perfeita união entre autor e leitor (REMÉDIOS, 1997, p.9). “[...] o autobiógrafo incita o leitor real a entrar no jogo dando a impressão de um acordo assinado pelas duas partes (LEJEUNE, 2014, p.66)”. Trazendo à tona, assim, o que o autor denomina pacto autobiográfico. Lejeune (2014) registra que para existir qualquer gênero de literatura íntima (autobiografia, diário, autorretrato, autoensaio, memórias) é necessário haver uma relação de identidade

onomástico entre autor (cujo nome está estampado na capa), narrador e a pessoa de quem se fala.

Sendo a memória o instrumento capaz de trazer o passado para o presente, é inevitável que ocorra uma seletividade da memória, já que não é possível evocar todas as lembranças do indivíduo, por isso ocorre uma seleção fazendo emergir as imagens do passado que estão de acordo com as intenções atuais do sujeito, ou citando Candau, “a memória opera escolhas afetivas” (CANDAU, 2018, p.169). E assim Eliane faz em suas escritas, “Esta é a minha memória” (BRUM, 2014, p.7). Éclea Bosi defende que ao fazer sua autobiografia, o indivíduo consegue saber a sua forma predominante de memória, pois afirma que “a narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória” (BOSI, 1994, p.68).

2.2 Eliane Brum : Desacontecimentos⁴

“Passei então a compreender minha escrita como uma linha que costura feridas. Não para apagá-las, o que eu tanto temia. Mas para eternizá-las em letras-cicatrices neste outro corpo que nos une, o da experiência coletiva – ou a trama que atravessa a própria linguagem para fazer o diálogo dos mundos. E também a resistência.”

(Eliane Brum)

Gaúcha de Ijuí, nascida em 1966, Eliane Brum é jornalista, escritora e documentarista. Trabalhou 11 anos como repórter do jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, e outros 10 anos como repórter especial da *Revista Época*, em São Paulo. Desde 2010, atua como freelancer e faz projetos de longo prazo com populações tradicionais da Amazônia e das periferias da Grande São Paulo. É colaboradora do jornal britânico *The Guardian*.

Publicou seis livros – cinco de não ficção e um romance -, além de participar de coletâneas de crônicas, contos e ensaios.

⁴ As informações nesse capítulo foram retiradas da página pessoal da autora no site: Eliane Brum: Desacontecimentos.

Em *Coluna Prestes: o avesso da lenda* (Artes e Ofícios, 1994), pelo qual recebeu o prêmio Açorianos de autora-revelação, Eliane refez, 70 anos depois, a marcha de 25 mil quilômetros da tropa rebelde pelo país, entrevistando 100 pessoas que testemunharam a passagem da Coluna Prestes por povoados e cidades do Brasil. O livro traz o testemunho do que a autora chamou de “o povo do caminho” – aqueles que não eram nem rebeldes, nem governistas –, ampliando a complexidade e a compreensão deste episódio crucial da República Velha.

Em *A Vida Que Ninguém Vê* (Arquipélago Editorial, 2006), Eliane conta pequenas histórias reais, sobre o que chama de “desacontecimentos” e de pessoas que jamais virariam notícia na pauta convencional do jornalismo, mostrando que toda vida é habitada pelo extraordinário. Neste livro, a autora mostra que não existem vidas comuns, apenas olhos domesticados. A obra foi reconhecida com o Prêmio Jabuti 2007 de melhor livro de reportagem.

Em *O Olho da Rua – uma repórter em busca da literatura da vida real*, Eliane escolhe dez grandes reportagens e conta seus bastidores – dilemas, medos e, até mesmo, seus erros vividos no processo do fazer jornalístico. O livro começa com um parto nos confins da Amazônia, pelas mãos das parteiras da floresta – e termina com a autora acompanhando os últimos 115 dias da vida de uma mulher com um câncer incurável, em São Paulo. O livro foi publicado pela Editora Globo, em 2008, e relançado pela Arquipélago Editorial, em 2017. A segunda edição ampliada conta com um posfácio – “Os limites da palavra” – que fala de dois acontecimentos recentes que levaram a autora a uma profunda investigação do ofício de repórter.

Em junho de 2011, Eliane lançou seu primeiro romance, *Uma Duas* (LeYa Brasil). Nele, a escritora aborda o relacionamento entre mãe e filha. Ou como uma filha se arranca do corpo da mãe, já que para uma filha é preciso mais de um parto. Foi sua primeira incursão na literatura de ficção, depois de mais de duas décadas contando histórias reais como repórter. O livro foi finalista dos prêmios Portugal Telecom, São Paulo de Literatura e Jornada Nacional de Literatura (Zaffari-Bourbon). Em outubro de 2014, “Uma Duas” foi lançado pela Amazon, em inglês, no mercado internacional, nos formatos impresso e e-book. A tradução para o inglês é de Lucy Graves.

Em julho de 2013, Eliane lançou uma coletânea com 64, de suas 234, crônicas e artigos de opinião publicados, originalmente, no site da Revista Época. *A Menina Quebrada* (Arquipélago) ganhou o Prêmio Açorianos de Melhor Livro do Ano. Nele, Eliane traça um pequeno retrato deste momento histórico, a partir do seu olhar, abordando temas como o perigo da história única, a medicalização da vida, a ditadura da felicidade, o relacionamento entre pais e filhos mediado pelo consumo, a dificuldade de nossa época com as marcas (as do corpo e também as psíquicas), o envelhecimento e a morte. Escreve também memórias, política e questões socioambientais, em especial as relacionadas à Amazônia.

Em abril de 2014, publicou *Meus desacontecimentos – a história da minha vida com as palavras*, quinto livro mais vendido na FLIP (Festa Literária Internacional de Paraty). Neste livro, a menina que flertava com a morte percorre as memórias da infância para compreender como a palavra escrita a salvou. Como repórter e escritora, Eliane sempre investigou a forma como cada um inventa uma vida e cria sentido para seus dias. Em meus desacontecimentos, conta como ela mesma se arrancou do silêncio para virar narrativa. O livro foi relançado pela Arquipélago Editorial em 2017.

Como documentarista, seu filme de estreia é *Uma História Severina* (2005). O documentário, no qual divide a direção e o roteiro com Debora Diniz, conta a saga da pernambucana Severina, pobre e analfabeta, grávida de um feto anencéfalo, em busca de autorização judicial para interromper a gestação. O documentário teve grande impacto acerca do debate travado na sociedade brasileira para a liberação da interrupção da gravidez, em caso de anencefalia do feto, pelo Supremo Tribunal Federal. O filme foi reconhecido por 17 prêmios nacionais e internacionais.

Gretchen Filme Estrada (Mixer), documentário no qual dividiu a direção com Paschoal Samora, foi lançado em 2010. O filme conta a última turnê por circos mambembes do semiárido nordestino e a primeira campanha política da rainha do reboledo à prefeitura da Ilha de Itamaracá, em Pernambuco. Em novembro de 2011, o documentário foi exibido no IDFA (International Documentary Film Festival of Amsterdam).

Laerte-se, filme no qual dividiu a direção com Lygia Barbosa da Silva, foi lançado em 2017 em mais de 190 países. Primeiro documentário brasileiro

original da Netflix, a obra acompanha a intimidade, às descobertas e os questionamentos de Laerte Coutinho, cartunista que, depois de quase 60 anos como homem, três filhos e três casamentos, apresentou-se como mulher.

Em 2017, Eliane dirigiu o documentário *Eu+1 – uma jornada de saúde mental na Amazônia*, realizado para contar a experiência da Clínica de Cuidado, formada por um grupo voluntário de psicanalistas, psicólogos e uma psiquiatra, que atuaram de forma intensiva por duas semanas junto à população expulsa dos beiradões do Xingu para a construção da Hidrelétrica de Belo Monte. A Clínica de Cuidado faz parte do projeto “Refugiados de Belo Monte”, do qual a jornalista é provocadora e uma das coordenadoras. *Eu + 1* é um documentário singelo, feito com recursos limitados, e financiado por meio de financiamento público coletivo na plataforma Catarse.

Como jornalista, Eliane Brum ganhou mais de 40 prêmios nacionais e internacionais de reportagem, como Esso, Vladimir Herzog, Ayrton Senna, Líbero Badaró, Sociedade Interamericana de Imprensa e Rei de Espanha. Em 2008, recebeu o Troféu Especial de Imprensa ONU, “por tudo o que já fez e vem realizando em defesa da Justiça e da Democracia”. Foi três vezes reconhecida, em votação da categoria, com o Prêmio Comunique-se. Por cinco vezes ganhou o Troféu Mulher Imprensa. Recebeu três vezes o Prêmio Cooperifa, “por ajudar, com suas ações, a construir uma periferia melhor para viver”, e o Prêmio Orilaxé, do grupo AfroReggae, concedido a pessoas e entidades que, com seu trabalho, têm conseguido “mudar a realidade, melhorando a qualidade de vida das pessoas e do planeta”.

Eliane Brum é repórter desde 1988, documentarista desde 2005, ficcionista desde 2011. Ganhou um de seus primeiros prêmios em 1994, o Prêmio Açorianos de autora-revelação, pela obra "*Coluna Prestes: o avesso da lenda*". Nesses mais de 30 anos de carreira, a jornalista acumulou mais de quarenta prêmios e publicou seis livros. Mesmo sendo uma das principais repórteres atuante no cenário do jornalismo brasileiro, os estudos científicos e a crítica acadêmica⁵ acerca de suas obras e sobre ela, constituída, principalmente, de teses, dissertações e artigos, adensou-se apenas nesta década, ou seja, na segunda década do século 21. As análises, na maioria das vezes, trazem

⁵ De acordo com dados emitidos do acervo de teses e dissertações da CAPES e de pesquisas gerais na internet.

discussões acerca do gênero literário, também dizem respeito ao tratamento dado as fontes, no caso de Eliane Brum, aos personagens, e também não faltam elogios à ética usada nas reportagens da jornalista vista como modelo.

Uma das funções do Jornalismo é informar à sociedade do que acontece no mundo, com precisão e velocidade e de acordo com os chamados critérios de noticiabilidade. Porém, muitas vezes, a busca desenfreada pelo novo e pelo raro, que costuma despertar o interesse da massa, ofusca o brilho de grandes histórias escondidas. Costumeiramente, no dia-a-dia das redações de jornais, há uma incessante busca por material noticioso, com o objetivo de divulgar primeiro e ganhar a atenção do público, rotina essa que não permite que os olhos dos repórteres vejam nas fontes, além de meros informantes em suas matérias. Esse é um dos pontos evidenciados pela crítica como sendo um diferencial de Eliane Brum, que ao olhar e escutar seus entrevistados, consegue transformar as fontes em personagens. Para Barros (2014, p.3) “O destaque no trabalho de Brum está no enfoque humanista de seus textos”, principalmente quando a jornalista produz reportagens, retratando histórias de personagens eminentemente humanos. Enfoque que se cria por meio do olhar diferenciado do profissional em relação às suas fontes, característica apontada como fundamental para a escritora, como conta no livro *A vida que ninguém vê* (2006),

Os textos são reportagens pautadas pelo exercício de um olhar atento aos pequenos acontecimentos, ao que se passa na existência das pessoas desconhecidas. É a trajetória de uma repórter em busca do extraordinário em cada vida – só aparentemente – ordinária. É o avesso do jornalismo padrão (BRUM, 2006, capa).

2.3 Entre o fato e a ficção: o jornalismo de Brum

Em regra, para ser compreendido pelo maior número de pessoas e atingir a sua eficácia comunicacional, o Jornalismo se distanciou pontualmente da expressão literária. Pois segue métodos da reportagem, os quais exigem algumas características como: rapidez na apuração dos fatos devido ao *deadline*⁶ dos jornais e revistas; cumprimento do *lead*, um recurso simples que

⁶ Hora de fechamento do jornal ou da revista, quando inevitavelmente o jornalista deve entregar a reportagem.

busca responder logo no primeiro parágrafo seis questões básicas: Quem? O quê? Quando? Onde? Como? Por quê? Recursos para tornar a imprensa mais ágil, clara e menos subjetiva.

Eliane Brum faz o avesso do jornalismo padrão, pois não fica presa à rapidez e aos fatos, ela faz uma verdadeira imersão na vida de suas fontes, olha olho no olho, busca outras perspectivas, dá voz a quem não tem, aqueles que, muitas vezes, ficariam excluídos das reportagens, por não serem consideradas fontes oficiais. “É na precisão dos detalhes, na quantidade de nuances, na reprodução do ritmo e da fala e no respeito pelas palavras do outro que a reportagem se faz substantiva e comprova sua qualidade e relevância” (2013). Muito mais que entrevistar, a jornalista sente o que seus personagens dizem e transforma dor, angústia, tristezas e alegrias em palavras e por isso é classificada como jornalista do gênero literário.

Não é nossa intenção aprofundar o histórico do jornalismo literário, pois isso demandaria espaço e fugiria do roteiro que traçamos para esse capítulo. No entanto, se faz necessário situar o leitor a respeito do tema.

Para Felipe Pena, o conceito do jornalismo literário é amplo, pois não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária. Para identificar o jornalismo literário, as características apontadas por alguns pesquisadores se tornam relevantes. Pena (2008, p.13) aponta algumas características que ele convencionou chamar “estrela de sete pontas”. Segundo o autor, qualquer uma dessas características utilizadas no texto já faz parte do jornalismo literário.

potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2008, p.13)

O surgimento do jornalismo literário no Brasil ⁷está ligado ao nascimento do *New Journalism* nos Estados Unidos da América, sobretudo, próximo aos

⁷ O local onde o Novo Jornalismo se materializou em nosso país foi, principalmente, a revista Realidade, lançada em 1966 e reconhecida em virtude da publicação de grandes reportagens que dialogavam com a Literatura. De acordo com Bulhões: (...) “a importância essencial de Realidade deve-se à valorização da

anos 1960, quando houve um maior número de profissionais focados em produzir grandes reportagens ou, até mesmo, os chamados romances-reportagens, como o clássico *A sangue frio*, de Truman Capote. Tom Wolfe dissertou a respeito do *New Journalism*, tendo em vista que ele acreditava estar fazendo parte de um efervescente movimento literário inovador, exatamente no período em que a América do Norte experimentava alterações vertiginosas nos costumes e na moral. Sobre a sua atuação e de seus colegas na prática inventiva, o escritor afirma:

Eles estavam indo além dos limites convencionais do jornalismo, mas não apenas em termos de técnica. O tipo de reportagem que faziam parecia muito mais ambicioso também para eles. Era mais intenso, mais detalhado e sem dúvida mais exigente em termos de tempo do que qualquer coisa que repórteres de jornais ou revistas, inclusive repórteres investigativos, estavam acostumados a fazer. Eles tinham desenvolvido o hábito de passar dias, às vezes semanas, com as pessoas sobre as quais escreviam. Tinham de reunir todo o material que o jornalista convencional procurava – e ir além. Parecia absolutamente importante estar ali quando ocorressem cenas dramáticas, para captar o diálogo, os gestos, as expressões faciais, os detalhes do ambiente. A ideia era dar a descrição objetiva completa, mais alguma coisa que os leitores sempre tiveram de procurar em romances e contos: especificamente, a vida subjetiva ou emocional dos personagens (WOLFE, 2005, p. 37).

Assim, é perceptível a delimitação de algumas práticas que, hoje em dia, são consolidadas na realização de Jornalismo Literário. O Novo Jornalismo reforça certas estratégias, como a entrevista de profundidade, a imersão, a observação participante, a criatividade. Conforme Felipe Pena (2008), Wolfe aceitava que o movimento se engajou muito mais por instinto do que por método. Ainda assim, deixou em seus ensaios um roteiro básico com recursos salientados naquele período histórico: “Reconstruir a história cena a cena. Registrar diálogos completos. Apresentar as cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens. Registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem”. (PENA, 2008, p.54).

reportagem como gênero a um só tempo afirmativo da atividade jornalística e permeável a incursões próximas da realização literária” (2007, p. 143).

Pena traça a sua própria definição de Jornalismo Literário como “linguagem musical de transformação expressiva e informacional” (2008, p.21).

Ele explica:

Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transforma-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose. Não se trata da dicotomia ficção ou verdade, mas sim de uma verossimilhança possível. Não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de jornalismo, nem de literatura, mas sim de melodia. (PENA, 2008, p. 21).

Não há, entretanto, consenso a respeito do uso da expressão Jornalismo Literário para nomear certos tipos de produções. Muitos pesquisadores e profissionais acreditam que o que existe é bom ou mau Jornalismo. E que, se todos fizessem a tarefa como deveria ser, grande parte das produções seriam pertinentes, humanas e éticas. A mesma opinião é compartilhada pela jornalista Eliane Brum. O nome da autora está diretamente ligado ao gênero do jornalismo literário, no entanto, a escritora prefere enquadrar como “bom jornalismo” a reportagem que não reduz o mundo, que busca captar palavras, silêncios, hesitações, texturas e gestos. Detalhes únicos que enriquecem o texto, que fazem com que o leitor imagine a cena, desloque-se no tempo e no espaço e se emocione.

pessoalmente, prefiro chamar apenas de bom jornalismo a reportagem que não reduz o mundo, que busca captar não só palavras, mas silêncios, hesitações, texturas, gestos, delicadezas e contradições. A realidade é muito mais do que aspas, e esta criatura complexa, seguidamente escorregadia, é a matéria do bom jornalismo (BRUM *apud* CANDARELLI, 2013).

Brum não gosta do termo jornalismo literário por acreditar que o jornalismo não precisa ser adjetivado para fazer sentido. Segundo a autora, quando se utiliza do termo literário dentro do jornalismo, tende a acontecer algumas confusões, por ignorância ou, até mesmo, por má-fé.

Eu não gosto do termo “jornalismo literário”, embora me sinta bastante honrada quando me identificam com ele, pois sei que me identificam com um jornalismo menos redutor. Sou apaixonada por jornalismo, a ponto de não acreditar que ele precise ser adjetivado para fazer

sentido. E, quando se agrega o termo “literário” ao jornalismo, surgem algumas confusões que me deixam bem irritada. Algumas vezes por ignorância, outras por má-fé. Não há permissão para inventar no jornalismo, nem licença poética. Ao contrário. O que eu defendo, e que definiria apenas como “jornalismo”, bom jornalismo, é contar uma história com tantos detalhes, com tantas nuances e com tanta precisão que o leitor diga: “Nossa, parece que eu estava lá”. Ou: “Nossa, eu conheço esta pessoa” (BRUM⁸, 2011)

A jornalista Eliane Brum, no livro *A vida que ninguém vê*, discute a necessidade dos repórteres olharem para o conjunto completo de uma realidade e, em meio ao conjunto, enxergar algo que não costuma ser visto. Ela defende o exercício do olhar. Em suas palavras: “(...) o olhar é o mesmo, é o que se recusa a enxergar apenas o que está programado, o que está na superfície” (BRUM, 2006, p. 189). O exercício do olhar utilizado pela escritora também é defendido por um dos seus críticos:

Olhar para realidades próximas com sensibilidade deve ser papel de qualquer jornalista que se proponha a descrever a vida real. O olhar deve estar sempre aguçado para o que não se expressa com palavras, mas por meio de gestos, sorrisos e lágrimas. O faro jornalístico tão propalado deve se unir ao olhar jornalístico para que seja possível retratar com mais completude cada cenário (BARROS, 2014, p.2).

Segundo Queirós e Mendes (2015, p.2), as “narrativas [dela] trazem para o primeiro plano a história de pessoas comuns, a vida de sujeitos anônimos e a denúncia social”. Eliane Brum traz à cena as nuances da vida cotidiana, distanciando-se dos processos de homogeneização da prática jornalística tradicional que eleva para espaços de destaque as narrativas dos vencedores, em detrimento à realidade sócio histórica dos vencidos, das pessoas comuns. “Para mim, as notícias habitam os detalhes, às vezes empoeirados, do cotidiano. A maior parte das histórias reais que conto vem dessa grandeza do pequeno, da delicadeza que anima cada vida humana, mesmo nas horas brutas” (BRUM, 2014, p.92). A autora afirma que é só como história contada que podemos existir, por isso que escolheu:

⁸ Entrevista cedida à Luís Henrique Pellanda, repórter da revista Suplemento Pernambuco. Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/entrevistas/345-faro-jornalístico-para-achar-grandes-desacontecimentos.html> acesso: 17 de dez. de 2019

[...] buscar os invisíveis, os sem-voz, os esquecidos, os proscritos, os não contados, aqueles à margem da narrativa. Em cada um deles resgatava a mim mesma – me salvava da morte simbólica de uma vida não escrita. Toda história contada é um corpo que pode existir (BRUM, 2014, p.97).

Assim, de acordo com a fortuna crítica, a narrativa jornalístico-literária da Jornalista “contribui para traduzir vidas, combater superficialidades e visões subjacentes dos protagonistas anônimos” (QUEIRÓS E MENDES, 2015, p.10). O enredo de seus textos constitui uma experiência estética e permite que a jornalista devesse a vida, as sutilezas e os detalhes das fontes que são objeto de sua reportagem. A linguagem simples, usada junto com histórias de pessoas autênticas, mostra que o simples pode ser encantador, e como a própria autora fala “o cachorro que morde o homem”, pode ser notícia, ao contrário de muitos que acham que a notícia está somente em fatos extraordinários, Eliane consegue encontrar esse extraordinário dentro de pessoas comuns, mas que, na verdade, tem uma bagagem e tanto.

Sempre gostei de histórias pequenas. Das que se repetem, das que pertencem à gente comum. Das desimportantes. O oposto, portanto, do jornalismo clássico. Usando o clichê da reportagem, eu sempre me interessei mais pelo cachorro que morde o homem do que pelo homem que morde o cachorro – embora ache que esta seria uma história e tanto. O que esse olhar desvela é que o ordinário da vida é o extraordinário. E o que a rotina faz com a gente é encobrir essa verdade, fazendo com que o milagre do que cada vida é se torne banal. Esse é o encanto, contar os dramas anônimos como os épicos que são (BRUM, 2006, p. 187).

O crítico, Marcio Serelle (2017) afirma que as técnicas da objetividade jornalística permitem apenas fotografar a fachada, enquanto a sensibilidade de Brum acessa o Brasil profundo. “A narrativa de Eliane Brum pode então ser vista como crítica ao jornalismo. Sua reportagem aponta a ineficácia do método, a acomodação da linguagem noticiosa e o desvio de uma proposta moderna inicial no que se refere à ética” (2007, p.15). O autor utiliza o estudo de Fabiana Piccinin e Kassia Nobre (2014) para demonstrar isso.

[...] as autoras entendem como deslocamento da fonte à personagem, nas reportagens de Brum. Embora o termo seja mais comumente

usado, no jornalismo, em referência a informantes em matérias políticas e econômicas, por exemplo – o que, em geral, não se aplica ao espectro coberto por Brum -, a ênfase que é dada pela reportagem às personagens não deixa de ser uma forma de destravamento do que é conjurado pela técnica, no jornalismo informativo (SERELLE, 2017, p.15).

As narrativas de Brum escapam ao mundo recluso pela notícia “ [...] opondo-se aos dogmas da imprensa” (ABIB; VENTURA, 2013, p.5). Em certos aspectos, a obra é uma recusa da reportagem “clássica” (ou “convencional” ou “padrão”, utilizando termos do jornalismo normatizado). O estudo de Abib e Ventura (2013) demonstra que a concepção jornalística de Brum diverge dos valores-notícia da teoria:

Por não partilhar dos mesmos valores da comunidade jornalística, Eliane Brum distingue-se por possuir “óculos” que veem as outras coisas, as ignoradas pelo grupo de mídia tradicional. Praticando um jornalismo centrado na apropriação de fatos não marcados, Brum constrói uma concepção jornalística pautada pela antinotícia, interessada nas histórias rotineiras de gente comum. Histórias essas que não recebem destaque na lista de valores-notícias, seguidos à risca pela grande imprensa, e propostos pelas teorias do jornalismo (ABIB; VENTURA, 2013, p.2).

Serelle afirma que por isso “realizam mais plenamente o jornalismo, no que se refere à capacidade de interpretação de realidades humanas” (2017, p.15). Para Fonseca e Simões, os textos de Eliane Brum revelam um fazer que prioriza a humanização, “que significa trazer o ser humano para o foco dos acontecimentos, dando voz aos personagens, mostrando sua índole, suas angústias, os sentimentos, as crenças e os comportamentos por trás das aparências” (2011, p.11). Para a repórter, é necessário fugir do senso comum, das pautas que o jornalismo clássico costuma priorizar e que, a seu ver, não trazem um olhar diferenciado dos acontecimentos e as pessoas. É por isso que ela diz preferir os “desacontecimentos, não-fatos, antinotícias” (BRUM, 2006, p. 188). A repórter se interessa pelas práticas do cotidiano.

Barros (2014) alerta sobre o cuidado necessário para com os personagens retratados nas matérias, e também a atenção ao tratar da realidade deles, já que o que está sendo contado pode interferir diretamente na vida dessas

peças. O autor afirma que “o jornalismo, ainda que o cotidiano tenha condições de fazer diferente. A redação do texto jornalístico deve estar preocupada com a individualidade das pessoas e com as consequências que podem advir de um texto que retrata a vida de alguém” (BARROS, 2014, p.3). Serelle (2017) reconhece essa ação responsável que a jornalista tem com os outros.

Brum também reconhece a carência e a vaidade do Outro em interação, porém sua proposta de jornalismo fundamenta-se na reivindicação de uma ética que se refere à forma como os repórteres tornam-se responsáveis pelas pessoas cujas histórias eles medeiam (2017, p.16).

Eliane reconhece e assume a responsabilidade para com seus entrevistados “nenhuma pessoa é mais importante que uma reportagem” e afirma que “já perdeu, algumas vezes, as melhores aspas de uma matéria em nome desse cuidado fundamental com o outro”. Para a autora não há reparação para a palavra escrita.

Eu sempre soube que, se erasse – e algumas vezes errei-, não haveria maneira de reparar. Pela memória da minha avó, aprendi a escrever com a ponta dos dedos. Até hoje durmo em sobressalto na noite entre o fechamento e a chegada da reportagem às bancas (ou a internet), com medo de ter me equivocado em algum detalhe, causando dano irreparável a alguém (BRUM, 2014, p.39).

Quando o assunto é o texto, Eliane Brum se assume exagerada, a jornalista conta que sempre cuida do texto até o momento de ir para gráfica, e que não se importa em ficar até madrugada na redação esperando o fechamento da matéria, o motivo para o exagero? A vida das pessoas, e da autora, presente em cada linha escrita!

Minha vigília é pelas pessoas que abriram a porta para me receber e se contar, é pelo respeito que tenho pela minha própria vida, que se expressa na narrativa da vida de um outro. Se traísse ou permitisse que traísse as histórias abaixo do meu nome, tenho a sensação de que elas viriam bater à minha janela, como seres a quem lhes tivesse roubado pernas e braços, um pedaço do fígado, o coração escorrendo como numa pintura de Salvador Dalí. Se isso é loucura, acho que a minha faz mais bem ao mundo do que a lucidez de uns tantos (BRUM, 2014, p.117).

Para Fonseca e Simões, a repórter não circunscreve a apuração dos fatos reais a uma entrevista dirigida e limitada a uma ideia pré-estipulada do mundo e das pessoas. De acordo com a fortuna crítica, Eliane Brum “vai em busca das histórias disposta a dialogar e a emergir no universo do outro para tentar compreendê-lo” (FONSECA; SIMÕES, 2011, p.13). Dialogar é como andar de mãos dadas. É conquistar a confiança e a intimidade daquele com o qual está se relacionando. É um momento de entrega que só se conquista quando há reciprocidade. Dialogar é acionar sentidos que serão desenvolvidos entre interlocutores. É o instante em que se conformam o eu e o outro, os sujeitos sociais de uma relação. “Acreditamos que o diálogo só existe de fato quando há alteridade, conceito que fomos buscar na antropologia de François Laplantine (2007) para dizer da interação e interdependência entre os sujeitos de uma relação” (2011, p.1). Para Fonseca e Simões, isso é identificado nos textos de Eliane Brum, portanto, “tem-se nesse caso uma relação de alteridade, de troca e de aceitação. Uma relação aberta ao real inesperado, incontrolável, imprevisível” (2011, p.13).

A alteridade exige confiança, que só se conquista através da troca e da aceitação do eu para aquilo que o outro tem a revelar – por meio da fala, do silêncio, dos gestos, de seu espaço e objetos – em toda a sua diferença. Estamos falando, então, de uma interação presencial em que as deixas simbólicas emitidas também devem ser observadas para que haja entendimento entre os sujeitos (FONSECA; SIMÕES, 2011, p.2).

À maneira do antropólogo em busca de alteridade, quanto mais profunda for a imersão do jornalista no contexto de vida, na história e nas relações pessoais do outro, mais intensa será a compreensão. (FONSECA; SIMÕES, 2011, p.5/6). Assim, quanto mais sensibilidade tiver, maior será a percepção do profissional para a complexidade de uma relação. Mais perceptiva será, portanto, a maneira como ele vai se aproximar e se portar durante uma entrevista, como vai captar as sutilezas dos olhares, os gestos, os silêncios, os objetos ao redor, e como lidará com os limites impostos e os espaços abertos pelo outro.

Percebe-se na narrativa de Eliane Brum o retorno da reportagem, que requer do profissional sua ida a campo. Para a repórter, porém, sua saída da redação do jornal não significa somente ir às ruas observar os acontecimentos ou contatar o outro para uma entrevista.

Seu trabalho tem como objetivo a imersão, característica que apresentamos como essencial para a tentativa de compreender o outro e os fatos de maneira mais profunda. Eliane corrobora nossa perspectiva ao dizer que faz parte de um grupo de repórteres que continua brigando para fazer matéria pessoalmente, sem a mediação de telefones e e-mails, prestando atenção no que vê, sente, observa - e não apenas no que é dito. E a presença do eu narrador se faz necessária de maneira a conseguir materializar no texto - por meio da descrição dos espaços, objetos e personagens (FONSECA; SIMÕES, 2011, p.9).

Repórteres tendem a ser definidos pelo senso comum como “seres que perguntam”. Para Audálio Dantas (2004, p.10), essa é a primeira das qualidades de um jornalista- “saber perguntar, portanto, já é meio caminho andado para um bom exercício da profissão”. Eliane Brum vai em contraponto dessa definição, e se define como “escutadeira”. Não que as perguntas não sejam importantes para a construção da matéria, mas ao valorizar a escuta, em detrimento das perguntas, Brum revela interesse pelo modo de ser e o modo de dizer de seus personagens. “Brum valoriza o ato de escutar, como se o sujeito da reportagem fosse o Outro, e não o réporter”. Quando o jornalista toma liberdade para se desprender das amarras profissionais, aceita as imprevisibilidades do encontro e se adapta às circunstâncias, o resultado disso será uma receptividade muito mais intensa do personagem.

Como repórter e como gente eu sempre achei que mais importante do que saber perguntar era saber ouvir a resposta... Eu não arranco nada. Só me comprometo a ouvir, a escutar de verdade, sem preconceitos. Mais do que saber perguntar precisamos saber ouvir (BRUM, 2008 p.11).

Outra característica que é possível observar nas narrativas de Eliane Brum, é que elas não seguem as fórmulas de construção da notícia, e a jornalista não faz uso da narração em terceira pessoa: características adotadas pelo jornalismo clássico para manter a objetividade e a imparcialidade. No entanto, a

repórter valoriza os recursos estilísticos que a literatura oferece. “essa foi a maneira que a repórter escolheu para atingir, por meio do simbólico e da escrita envolvente, o imaginário do leitor, fazendo-o mergulhar na história, se emocionar e refletir” (FONSECA; SIMÕES, 2011, p.13). Escreve, portanto, narrativas usando o gênero do jornalismo literário.

Segundo Queirós e Mendes (2015), o jornalismo literário, ao inserir novas possibilidades de análise da realidade e levar para a superfície do texto o aparato conceitual, por meio do qual os fatos são ordenados no discurso, “fornece um cabedal de instrumentos que convergem para leituras mais aprofundadas da urdidura do texto jornalístico e de esquadramento do mundo” (p.10).

Fonseca e Simões (2011), em estudo da obra de Eliane Brum, afirmam que sua obra apresenta características de textos literários em suas narrativas, ao apresentar diálogos intercalados em sua narração. Assim, há uma quebra na formação usual de textos jornalísticos. “Nos diálogos do texto, é possível perceber uma abertura de Eliane para o que o outro tem a dizer” (p.9).

Ainda segundo os autores, a narrativa em primeira pessoa está explícita também em trechos onde Brum reflete de forma pessoal sobre os personagens e suas mazelas.

Em determinados momentos, a repórter até mesmo convida o leitor a refletir com ela, atitude típica presente na escrita literária, como a de Machado de Assis, em Memórias Póstumas de Brás Cubas. Ao falar da morte de Camila, uma menina de 10 anos que sobrevivia pedindo esmolas no trânsito, Brum pergunta ao leitor: “A questão é saber quantas Camilas precisarão morrer antes de baixarmos o vidro de nossa inconsciência. Você sabe? E agora, tio lindo, tia linda, o que vamos fazer?” (FONSECA; SIMÕES, 2011, p.10).

Segundo Fonseca e Simões (2011), quando o jornalismo se aproxima da literatura, alguns pontos se destacam, como a narração em primeira pessoa, a metáfora, a humanização dos personagens, a descrição, a construção cena a cena, a reflexão e o diálogo. Pode se dizer que esses pontos são características do jornalismo, denominado pelas autoras, como *jornalismo subjetivo*.

Felipe Pena (2008) também enxerga na proximidade do jornalismo com a literatura uma alternativa para aqueles profissionais que buscam um fazer jornalístico mais completo, humanizado, voltado para o outro, mais inteligível e próximo do leitor.

A crítica de Fonseca e Simões (2011, p.10) afirmar que “a repórter apresenta um olhar próprio dos fatos e dos sujeitos, portanto, é parcial” Também tem-se um olhar subjetivo, que humaniza as histórias, que se revela como fruto de um momento de interação, de imersão, de uma realidade que se construiu a partir de sua participação. “É o real enquadrado por meio dos olhos e da escrita de Eliane Brum” (FONSECA; SIMÕES, 2011, p.10).

Acreditamos, portanto, que o jornalismo que estamos chamando de subjetivo estimula com mais intensidade a compreensão, a apuração minuciosa e contextualizada dos fatos, o diálogo e a alteridade entre o eu jornalista e o outro entrevistado. Esse jornalismo se diferencia ainda pela presença da voz autoral do jornalista e da aproximação com a literatura por meio da utilização de suas técnicas de narração, que tornam suas narrativas mais profundas, detalhadas e humanizadas (FONSECA; SIMÕES, 2011, p.7).

Segundo as autoras, é muito marcante na prática jornalística de cunho subjetivo o retorno do narrador. Em análise feita nos textos de Eliane Brum, as autoras verificaram que a jornalista escreve em primeira pessoa, portanto, “é ela quem fornece o foco dos acontecimentos, quem dá voz ao outro, o personagem real” (FONSECA; SIMÕES, 2011, p.8). Isso significa dizer que, Eliane Brum, é observadora dos acontecimentos e até uma personagem do texto, mesmo que apareça somente como coadjuvante. “Sua presença, então, tem valor testemunhal, característica do fazer jornalístico que proporciona um pacto de credibilidade com o leitor, mas que vem perdendo espaço na contemporaneidade” (FONSECA; SIMÕES, 2011, p.8), devido à imparcialidade cobrada dos repórteres.

A nosso ver, essas características do jornalismo subjetivo estão presentes nas narrativas de Eliane Brum. Vimos que, para conseguir expressar o que viu, sentiu e ouviu, Brum escreve em primeira pessoa e faz uso das técnicas literárias para tentar traduzir, com humanização, profundidade e simbolismo, todo o processo de interação. E expõe cada silêncio, cada olhar e cada gesto de resistência de seus personagens. Para nós, as histórias assim narradas fazem com que o leitor se identifique, se envolva e compreenda melhor os personagens e suas histórias de vida, gerando então mais afetação (FONSECA; SIMÕES, 2011, p.15).

Assim, é possível verificar que Brum permite que haja uma interação maior na hora da entrevista, permite uma intimidade maior entre apenas fonte e

jornalista. A repórter deixa-se envolver pelo diálogo dos afetos, reconhecendo o mundo e lhe imprimindo o toque humano. Conferindo assim, uma postura dialógica e humanizada ao fazer jornalístico contemporâneo.

Além da utilização da primeira pessoa, apontada por Fonseca e Simões (2011), Serelle (2017), também, reconhece alguns elementos na escrita da jornalista como sendo de caráter autoral. “O caráter autoral de Eliane Brum manifesta-se em diversos sentidos. Primeiro, na forma moderna como ela estabelece contradição dialética com o gênero” (SERELLE, 2017, p.17). Pois, apesar de manifestar em seus textos, os elementos da reportagem (amplitude narrativa; a função interpretativa das realidades; polifonia e entrecruzamento de vozes), em certos aspectos, contudo a obra é uma recusa da reportagem clássica, principalmente quando diverge de alguns dos valores-notícias da teoria.

Após analisar os critérios de noticiabilidade segundo estudiosos das teorias do jornalismo e compreender os processos de seleção e produção de reportagem de Eliane Brum, o que se percebe é a presença de uma concepção jornalística que difere da visão da imprensa tradicional no que diz respeito a práticas essenciais, de escolha de valores noticiosos a etapas de produção e linguagem. Em um cenário midiático comandado por posturas padronizadas, o jornalismo de Brum confirma a possibilidade de existência de uma prática que caminha na direção contrária, em busca de histórias e realidades diferentes, em busca de gente (ABIB; VENTURA, 2013, p.7).

Serelle (2017) utiliza um estudo de Abib e Ventura (2013) para afirmar isso e utilizando como exemplo o critério de proximidade: “No aspecto da proximidade, por exemplo, enfatizam o fato da repórter privilegiar, em suas matérias, dois espaços que muitas vezes aparecem como abstrações para o público leitor de classe média: a periferia e a região amazônica”, (SERELLE, 2017, p.18).

Brum é também autoral pelo modo que dota a escrita de gravidade. Para ela, escrever é inevitável, uma vez que a própria existência está presa ao ato. “Não sei se existe vida após a morte. Desconfio que não. Sei que não existe vida fora da palavra escrita. Só sei ser – por escrito”, (BRUM, 2014, p.73). A autora deixa claro em suas escritas a relação vital que tem com as palavras. “Este é assim um *topos* (um lugar-comum, um motivo recorrente) literário de que Brum

se utiliza para demonstrar, ao leitor, a radicalidade de sua escrita, o que delineia, ainda uma vez, a face autoral” (SERELLE, 2017, p.19). “Escrevo por que a vida me dói, porque não seria capaz de viver sem transformar dor em palavra escrita” (BRUM, 2013, p.13). A escrita vinda assumidamente da dor é traduzida pela crítica como “visceral” (ABIB; VENTURA, 2013).

Para Serelle (2017), outro sentido pode ser apontado para confirmar a escrita de Brum como autoral: o de função-autor, conforme a noção de Michel Foucault (1994). “A categoria moderna da autoria é, segundo o Foucault, um princípio de “unidade de escrita”, um “foco de expressão” que resolve contradições e assimetrias e permite que textos diversos sejam reunidos sob a coerência de um nome” (SERELLE, 2017, p.19/20). Eliane possui reportagens em jornais, revistas e livros, obra de memória e documentários audiovisuais, e em todas as suas criações é possível verificar uma unidade de escrita, ou seja, suas produções seguem um mesmo estilo. Esses textos, são compostos, juntamente com as entrevistas e outros relatos, o espaço biográfico de Eliane Brum, em que “a autonarração é uma importante estratégia na construção e projeção das linhas que a definim como personagens” (SERELLE, 2017, p.20). Nesse campo complexo em que a vida de Brum é narrada, principalmente, autonarrada, podemos considerar que:

a imagem dela constitui-se intertextualmente, a partir de suas reportagens, os paratextos das reportagens, as crônicas, as entrevistas concedidas a programas televisivos e que reiteram, quase sempre, passagens de seus livros e de outras entrevistas, como se essas fossem, em alguma medida, a dramaturgia do “eu” constantemente encenada (SERELLE, 2017, p.20)

Segundo o autor, quando interagimos com esse espaço biográfico, retornamos aos relatos, persuadidos por essa personagem emersa no entrecruzamento desses textos. São apontados como paratextos os acompanhamentos, verbais e não verbais, que se situam ao redor do texto. “São, portanto, discursos que buscam determinados efeitos sobre o público e controlar, de alguma forma, a leitura, embora saibamos o caráter imprevisível e desiderativo das recepções” (SERELLE, 2017, p.21).

Para a crítica, a reportagem de Brum, configurou um modelo refinado em seu percurso jornalístico, em que, “o autocomentário e a autonarração

amalgamam-se às narrativas da vida anônima” (2017, p.21). Como se o paratexto autobiográfico se tornasse texto, ou seja o discurso da autora é costurado e torna-se parte do texto mesclando-se com o relato do outro, na reportagem.

Esses excertos, em sua força ilocutória, são declarações da intenção autoral e trazem balizas para uma chave interpretativa. ‘Vejam qual é minha cocepção de jornalismo e como a pratico, na reportagem, que é constantemente tensionada em sua forma hegemônica’, Brum parece colocar ao leitor (SERELLE, 2017, p.21).

Assim, rastros da intenção autoral da jornalista são colocados no texto.

Em nenhuma das minhas escritas eu me policio. Pelo contrário, tento criar mecanismos para me desformatar, me desamarrar. Se policiar é a morte. Me deixo possuir por mim e sigo sem pensar em ninguém. Não penso no leitor quando escrevo. Ou, pelo menos, tento não pensar. Não temos controle sobre como seremos lidos. Então, nem tento ter qualquer ilusão de controle. As pessoas fazem as associações mais incríveis, que nunca me passaram pela cabeça ao escrever. Nem por isso são menos legítimas (ELIANE BRUM)⁹.

Portanto, abrem-se caminhos para diversas interpretações, pois Eliane afirma que, em momento algum, se policia no momento da escrita e, nem mesmo, cria expectativas a respeito de qual interpretação será feita pelo leitor.

2.4 Literatura e vestígios do real

A memória de todo homem é sua literatura particular
Aldous Huxley

“O passado só existe a partir de um narrador no presente que é tanto um decifrador quanto um criador de sentidos” (BRUM, 2014, p.79). Assim, ao propor que o narrador pode ser um criador de sentimentos, a jornalista deixa frestas para a interpretação de que alguns fatos narrados, no decorrer do livro, não aconteceram exatamente como os descreve. Levando em consideração que a

⁹ Entrevista concedida a Biblioteca Pública do Paraná, disponível em: <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=156> . Acesso em: 11 de jul. de 2019.

obra se apoia na própria memória da autora, é natural que haja lacunas que precisam ser preenchidas. E para isso a autora faz uso de artifícios, os quais a literatura também se identifica, como a ficção.

Segundo Iser, é hoje uma opinião amplamente aceita que os textos literários são de natureza ficcional. No entanto, essa afirmação não anula o fato de que os “textos ficcionais não são de todo isentos de realidade” (1983, p.384). Acrescentando ainda que, “há no texto ficcional muita realidade que não só deve ser identificável como realidade social, mas que também pode ser de ordem sentimental e emocional” (1983, p.385). Para o autor, a ficção pode ser compreendida como uma realidade que possibilita o esclarecimento de outras realidades. Ou seja, preenche lacunas, completa frases e até mesmo resgata fatos que aconteceram (ou não) anos e décadas atrás.

O texto ficcional contém muitos fragmentos identificáveis da realidade, que, através da seleção, são retirados tanto do contexto sócio-cultural, quanto da literatura prévia ao texto. Assim, retorna ao texto ficcional uma realidade de todo reconhecível, posta, entretanto, agora sob o signo do fingimento. Por conseguinte, este mundo representado não é o mundo dado, mas que deve ser apenas entendido como se o fosse. Pelo reconhecimento do fingir, todo o mundo organizado no texto literário se transforma em um *como se* (ISER, 1983, p.400).

O dicionário Aurélio atribui à palavra ficção, com origem no vocabulário latino *fictione*, duas acepções: ato ou efeito de fingir, simulação, fingimento, ou coisa imaginária: fantasia, invenção, criação. Pesavento (2013), discorre sobre:

A definição, no caso, atrela a palavra, enquanto significado, ao domínio do não verdadeiro, seja ele da ilusão do espírito deliberada seja fruto da capacidade humana de criar o inexistente. Nesta última acepção, remete-se ao reduto do imaginário esta coisa criada, não real, com a qual a Literatura poderia, no caso, se identificar (PESAVENTO, 2013, p.34).

Já Carlo Ginzburg (2002) remete ficção a *fictio*, ligada a *figulos*, oleiro, que implica uma construção a partir do real. Nesta acepção, para Ginzburg, a *fictio* representaria, de forma positiva e construtiva, uma saída entre a verdade e a mentira, lugar que seria ocupado, por exemplo, pelo mito, pela Literatura e pela História. Criação a partir do que já existe, elaboração do possível e plausível.

Embora não seja regra na obra literária, que pode se valer de acontecimentos, a inclinação à ficcionalidade é indispensável. Dessa maneira, recria a realidade, embora apresente minúcias do contexto em que é produzida. Bulhões constata, então, que a Literatura é uma experiência de liberdade que carrega certa “vocação para a utopia”. Por outro lado, é inocente acreditar na proposta de que os escritores se ocupam somente do que é fantasioso, sobretudo, porque não há como guardar em caixas bem delimitadas os temas factualidade e ficcionalidade, sendo comum perceber, em várias obras de destaque, “um movimento de aproximação entre o mundo possível do texto literário e a concretude do real” (BULHÕES, 2007, p. 21). Sobretudo quando se trata de uma obra autobiográfica, como a que está sendo analisada no presente trabalho.

Assim, é por meio da ficção que Eliane permite dar vida às suas memórias, em especial quando se trata de seus entes queridos, como a avó e o trisavô, pessoas que já não estão vivas.

Enquanto escrevo, minha avó me observa sem nada dizer. Instalei minha escrivantina-xerife bem ao lado de sua máquina de costura. Mantenho as linhas, as agulhas e os dedais intactos, na impecável organização que ela deixou ao morrer. Invento para mim mesma que ela se orgulha de mim. E confidencio, malvada: “Vó, tirei o acento do nome dele no livro que estou escrevendo. Homem como ele não merece chapéu”. Adivinho-lhe um sorriso maroto, um que aprendeu com Pedro Malasartes. Minha avó agora deu para sentar-se em cima da máquina de costura, e não na cadeira. Nos entendemos. Nós duas já combinamos que o tempo de santa dela acabou (BRUM, 2014, p.41).

Por meio da ficção, além de se criar fatos do passado, é possível criar um presente. A relação da jornalista com a avó sempre foi muito forte e hoje a falta que sente dela pode ser amenizada por meio das histórias que cria. Assim, por meio da literatura a avó continua presente na vida da escritora, aquele que sempre foi cometida em tudo, agora vive conforme a sua vontade, ou melhor vive como a literatura permite.

Já sobre a história da família, Eliane cria uma ficção para a chegada dos Brum ao Brasil. A autora se utiliza dessa artifício justamente por não estar presente no acontecido e nem mesmo ter chego a conhecer o pioneiro da família.

Quando o trisavô de Eliane fugiu para o Brasil, metade dos Brum ganharam uma perna a mais, o “n” virou “m”. Ao contar a história de Pietro Brun (até então com “n”), quando desembarcou no Brasil, em 1883, e declarou seu nome completo. O funcionário registrou o nome conforme ouviu, assim como acontecia tantas e tantas vezes.

Após anos, o pai da jornalista descobriu que o nome da família estava com a grafia errada. Mesmo assim, ela nunca quis entrar com uma ação judicial para reivindicar a troca da letra, pois, para ela, é impossível amputar a perna que tanto ajudou seu trisavô na caminhada por territórios brasileiros e que significa tanto ausência como presença. “A ausência de tudo o que ficou para trás, a presença de tudo que aconteceu depois” (2014, p.74). Para a jornalista, Pietro não poderia ser o mesmo ao alcançar o outro lado do mar, ele tinha de ser outro.” Era imperativo que ele fosse Pietro Brum – e depois até Pedro Brum” (2014, p.75). Como não há rastro do funcionário que registrou a chegada de Brum ao Brasil, a escritora, se utilizando da ficção, decidiu (re)significar a existência desse homem.

Agora sei que não tenho um nome errado, mas um nome assinalado pelo que viveu. Dei a essa perna não só o lugar de membro fantasma, mas de travessia. Me dedico a inventar um funcionário melancólico e solitário, que à noite devorava livros em um quartinho de pensão no Rio de Janeiro do final do século 19. Molhava os dedos com a língua para virar as páginas, enquanto a caspa ignorava os trópicos ao cair como neve sobre as palavras. Diante de mais um imigrante destituído de pátria e de letras, devastado por uma separação e uma saudade, ele pensou: esse homem vai precisar de mais uma perna para conseguir andar no Brasil. E, poderoso assim de repente, enfiou a pena no tinteiro e a empunhou com brio. Como eu agora o invento, naquele momento ele inventou um “m” para mim (BRUM, 2014, p.75).

Segundo Brum, “[a memória] é uma escolha do que esquecer e do que lembrar – é uma oportunidade de ressignificar o passado para ganhar um futuro. Pela memória nos colocamos, não só em movimento, mas nos tornamos o próprio movimento. Gesto humano, para sempre incompleto” (BRUM, 2014, p.74). Portanto, aquilo que não ficou registrado na memória de Eliane, ou seja, histórias e fatos que apresentam falhas ao serem lembrados são preenchidos

pela ficção. E essa é uma possibilidade de lembrar, ressignificar e, até mesmo, de criar um passado para, a partir de então, mover-se para o futuro.

Segundo Andrea Perrot (2013), os textos de cunho memorialista/ (auto)biográfico fazem uso de recursos empregados pela ficção “tradicional”, aquela que já é, desde a primeira palavra, assumida pelo sistema literário como criação, engenho, imaginação, invenção. Logo, a autobiografia é um gênero híbrido: sendo literária, visa ao “Belo”, mas também, baseando-se no real, visa ao “Verdadeiro”; portanto, é misto de real e fantasia, de real e ficcional, de verdade e mentira, de ação e imaginação. Ela, também, é ficção, embora não assumida declaradamente. Como afirma Lejeune,

É claro que, ao tentar me ver melhor, continuo me criando, passo a limpo os rascunhos da minha identidade, e esse movimento vai provisoriamente estilizá-los ou simplificá-los. Mas não brinco de me inventar. Ao seguir as vias da narrativa, ao contrário, sou fiel à minha verdade: todos os homens que andam na rua são homens-narrativas, é por isso que conseguem parar em pé. (LEJEUNE, 2008: 104)

Eliane é uma mulher-narrativa, pois, em seus escritos, constrói e reconstrói sua própria identidade. Ele faz de sua vida, sua literatura; de sua literatura, sua vida, e assim preenche as lacunas de suas narrativas autobiográficas com elementos ficcionais. E isso não significa que ele falta com a verdade, mas sim que, ciente de quem é e do que deseja para si, cria e recria sua verdade. Isso é o que Lejeune nomeia como ‘falibilidade do real’.

A memória do que não foi funciona, então, como uma construção imaginária que inventa e faz escolhas, que faz escolhas e inventa. Segundo a própria Eliane “Há realidades que só a ficção suporta. Precisam ser inventadas para ser contadas” (BRUM, 2014, p.68).

A palavra é o instrumento de Eliane para tecer significados para a própria existência, construir a sua narrativa. “Nossa vida é nossa primeira ficção”, afirma. Para criá-la, é preciso sempre interrogar os seus significados. “Parece-me que viver uma vida viva é ter a coragem de perder os sentidos duramente construídos e ter que mais uma vez pactuá-los, recriá-los, negá-los e reinventá-los.” Ela completa: “se fossem imutáveis, estáticos, nós seríamos mortos que respiram”. (FABRI; BOCCACCIO, 2014).

Segundo Schoollhammer (2009), os autores da última década, a geração 00, ainda que se mostrem conscientes de suas preferências, aceitam melhor um certo ecletismo que cruza fronteiras, línguas e tradições literárias. Apesar de serem diferentes entre si, “em um ponto, entretanto, parecem comparáveis, na liberdade exercida de modo, muitas vezes, irreverente, mas não superficial, na coragem de se arriscar em um caminho próprio, criando uma escrita desabusada que aposta na fabulação” (p. 147/148). Eliane está nesse time de escritores. A menina que fabulava, se tornou hoje a jornalista que narra desacontecimentos.

3 CAMINHOS ATÉ SI MESMA: O AUTOMERGULHO EM DESACONTECIMENTOS

“Como contadora de histórias reais, a pergunta que me move é como cada um cria sentido para os dias, quase nu e com tão pouco. Como cada um habita-se [...] Esta é a minha memória. Dela eu sou aquela que nasce, mas também sou a parteira.”
(Eliane Brum)

3.1 Entre matar ou morrer: escrever

Para realizar as reportagens que a consagraram, Eliane sempre precisou desabitar-se. Despe-se de preconceitos e julgamentos e se abre para o universo do outro. Apenas dessa forma pode, de alguma maneira, escutar de verdade, buscar compreender qualquer tipo de gente, até os escorraçados pela sociedade, como um pedófilo. “Isso vale para qualquer experiência humana,

preciso escutar mesmo, com todos os sentidos” (BRUM, 2014) ¹⁰. O caminho de volta desse processo é sempre muito doloroso. Às vezes, após uma apuração, semanas são necessárias para que a escritora retorne ao seu mundo, que parece ser tão igual ao que era antes, mas como protagonista, sente-se profundamente modificada por aquilo que vivenciou.

Em *Meus Desacontecimentos*, Brum diz que foi tudo diferente, que sente dificuldade em definir a experiência. Ela volta-se para si e procura entender como criou a sua vida com as palavras, levando a mulher Eliane a explorar as lembranças e tentar entender a menina que um dia foi. A escritora que sempre procurou habitar o universo do outro, agora precisou habitar-se e entra em seu próprio universo, encarou a empreitada com lucidez do cenário nebuloso que encontraria em meio a suas memórias.

Para Candau, a “memória é a identidade em ação” (2018, p.18), o autor aborda a relação entre memória e identidade de forma objetiva. A faculdade mnemônica é entendida como uma das fontes a partir das quais as identidades se edificam, pois “[...] vem fortalecer a identidade, tanto no nível individual quanto coletivo: assim, restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir sua identidade” (2018, p.16).

A memória é, assim, um dos pilares em que se funda a identidade. Por isso, todo ato memorial apresenta intenções identitárias, na medida em que confere um sentido atual ao passado, pautado pelas preocupações do presente. Memória e identidade apresentam-se então, como fenômenos imbricados, amalgamados, que

se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. Não há busca identitária em memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente (CANDAU, 2018, p.19).

¹⁰ Entrevista cedida à revista Pernambuco. Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-anteriores/117-edicoes-anteriores/2014/1295-edicao-101.html> acesso: 02 de dez. de 2019

A memória, muitas vezes, resulta em relatos, em discurso e, assim, ganha forma à medida que é narrada. Autobiografar-se, contar o passado, no entanto, não é uma necessidade espontânea. A narração memorial surge como resultado de alguma tensão, num momento de conflitos e incertezas associados à identificação.

Nessa perspectiva, a narrativa de Eliane Brum que resultou no livro, *Meus Desacontecimentos*, surge em uma situação de construção do eu e na justificativa e afirmação de suas escolhas, principalmente no que diz respeito à relação da autora com a palavra escrita.

A jornalista pensa no presente à luz do passado. Por meio da escrita literária é possível trazer suavidade para o passado e para as vivências, experiências tidas como emancipatórias para a autora. “[...] isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa” (CANDAU, 2018, p.16). Para Souza (2014, p.109), rememorar significa mais do que trazer o passado para o presente, “trata-se de um instrumento para reavaliações, revisões, autoanálise, autoconhecimento e é por este caminho que a memória alcança a identidade, sendo fator chave em sua (re) construção”.

A jornada pelas memórias de quando Eliane era criança, foi motivada por uma crise com a palavra escrita, em 2011, ao fazer uma reportagem na Bolívia:

[...] “Perdi, por um momento, a minha crença no poder da narrativa como instrumento de transformação da vida e especialmente das realidades injustas”, revela a autora em entrevista à Fórum. Foi o seu maior confronto com a impotência: Sonia, uma menina de 11 anos que sofria da doença de Chagas, agarrou-a pelos braços e disse “não me deixe morrer”. “Percebi ali que contar a sua história para o mundo, como eu disse que faria, não seria suficiente para salvar sua vida”, explica. Depois desse episódio, Eliane não conseguia mais escrever – até entender que, se contar a história era insuficiente, era também o possível. “E o possível é pouco e muito ao mesmo tempo”, conclui (FABRI; BOCCACCIO, 2014).

Foi a partir de então, que Eliane Brum ficou compenetrada na busca pelos sentidos da palavra escrita em sua vida. Ao ter descoberto que “a palavra salva

e não salva, ao mesmo tempo”, ela precisava decifrar por quais caminhos a escrita a salvou. “Quero entender como ela me deu um corpo que me permitiu viver para viver – e não para morrer” (BRUM, 2014).

Ao narrar-se, Brum dá forma ao tempo vivido (passado), portanto, recorre às suas memórias, e esse é o ponto crucial na relação entre memória e identidade, pois ganha forma por meio da escrita. No primeiro conto da autobiografia, intitulado “Prelúdio”, a escritora registra a importância das palavras para sua vida.

Lembro que, quando tudo começou, era escuro. E hoje, depois de todos esses anos de labirinto, todos esses anos em que avanço pela neblina empunhando a caneta adiante do meu peito, percebo que o escuro era uma ausência. Uma ausência de palavras. Essa escuridão é minha pré-história. Eu antes da história, eu antes das palavras. Eu caos (BRUM, 2014, p.9).

Portanto, a autora reconhece essa escuridão como sendo uma ausência palavras. E teme o retorno desse mundo escuro. “Sempre vou temer o retorno da escuridão, que para mim é o mundo sem palavras”, (BRUM, 2014, p.11). Tanto que compara esse tempo escuro à morte, logo, para a jornalista, a falta da palavra é a ausência de vida. “A morte é o mundo sem palavras. E é curioso que minha primeira lembrança seja a morte. Como se eu tivesse nascido morta. E a vida só tivesse acontecido alguns anos depois, quando eu já era um zumbi crescido” (BRUM, 2014, p.11).

Essa sensação de morte fica ainda mais evidente quando Eliane, ainda criança, em companhia da mãe, visita no cemitério, especificamente, o túmulo da irmã morta. O peso de ser a filha que nasceu porque a outra morreu pode ser percebido nas palavras da autora. “Nasci não de um, mas de vários túmulos” (2014, p.63), o primeiro deles, o túmulo da irmã morta, a maninha:

Durante a infância minha mãe nos carregou, a mim e a meus irmãos, para o túmulo da filha que morreu. Minha irmã, a Maninha. E esse “carregou” tem mais sentido do que o literal. Talvez minha mãe não pudesse acreditar e precisasse repetir, repetir, repetir. E a cada repetição, eu, a filha viva era a outra. E, mais morta do que viva, eu falhava em fazer renascer as partes ausentes da minha mãe (BRUM, 2014, p.12).

Apesar da enorme tristeza, a menina carregava um alívio, por vezes culpa, pela morte da irmã. Afinal, intuía que “se ela não tivesse morrido, eu não teria nascido” (BRUM, 2014, p.13). E mesmo torta, mesmo sendo um anjo de pernas tortas, ela queria viver, mas não sabia como. Não ainda.

A percepção de que a vida era um túmulo fundou Eliane. Na escuridão do apartamento, a pequena menina conseguia sentir e perceber que a irmã que havia morrido, era um túmulo aberto que nem ela, nem ninguém da família, conseguiam fechar. “[ela] havia me roubado a casa, o sol, as roseiras, a luz” (2014, p.19).

[...] até os onze anos, eu rezei antes de dormir por um milagre: acordar no dia seguinte com os olhos azuis e cabelos loiros como os da minha irmã. Quando amanhecia, eu saltava da cama e corria a me olhar no espelho. E lá estava eu, marrom e imperfeita (BRUM, 2014, p.20).

Portanto, sentia-se rejeitada por não ser a irmã morta, nem mesmo ter os traços de aparência dela, pois acreditava que nasceu para substituí-la, e, na realidade, nada tinha a ver com essa irmã que se foi. A sensação que se tinha era que o papel dela nesse mundo não estivesse sendo cumprido. Sentia que a sua existência nessa vida estava sendo incompleta.

Segundo Hall (2019), somos seres faltantes e é, justamente, essa falta que nos move. O autor afirma que

a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida”, a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros* (HALL, 2019, p.24/25).

Foi a partir dessa falta, e em busca de preencher as incertezas que a rodeavam, que Eliane Brum decide escrever sua autobiografia. Pois, somente quando a identidade é posta em dúvida, é que se faz necessário recorrer à memória e à narrativa memorial para construir ou (re)afirmar uma identidade. “A busca memorial é então considerada como uma resposta às identidades sofredoras e frágeis que permitiria ‘apoiar um futuro incerto em um passado reconhecível’” (CANDAU, 2018, p.10).

No conto intitulado “Irmãs”, a autora reconhece que, ao escrever sobre essa relação conturbada com a irmã que nem chegou a conhecer, consegue seguir a vida. Mais do que isso, a partir da escrita a autora é capaz de reconhecer a importância daquela que nem conheceu e, enfim, assim conseguiu nascer. “Minha irmã me deu uma *bio*, já que eu não nasceria se ela não tivesse morrido. Eu agora lhe dou uma *grafia*. Aqui consumamos nossa fusão, mas também a separação definitiva” (BRUM, 2014, p.21). No livro, ela refaz a sua trajetória, junta os cacos da infância para construir sua própria narrativa.

Segundo Souza (2014, p.111), “as narrações de vida refazem discursivamente toda a trajetória do sujeito, guiadas por interesses nitidamente identitários”. Não são, portanto, atos de rememoração despreziosa ou aleatória e, por isso,

[as narrativas de vida] devem ser consideradas como instrumentos de reconstrução da identidade, e não apenas como relatos factuais. Por definição reconstrução *a posteriori*, a história de vida ordena acontecimentos que balizaram uma existência. Além disso, ao contarmos nossa vida, em geral tentamos estabelecer uma certa coerência por meio de laços lógicos entre os acontecimentos-chaves (que aparecem então de uma forma cada vez mais solidificada e estereotipada), e de uma continuidade, resultante da ordenação cronológica. Através desse trabalho de reconstrução de si o indivíduo tende a definir seu lugar social e suas relações com os outros (POLLAK, 1989, p.13).

Nas reminiscências da infância, estão presentes várias pessoas que conviveram com a jornalista no decorrer de sua vida, entre essas tantas, estão presentes as empregadas que a cuidavam enquanto seus pais, ambos professores, trabalhavam de manhã, tarde e noite para sustentar a ela e seus dois irmãos mais velhos. A relação de Eliane com suas cuidadoras não era muito amigável, pois acreditava que sempre estava atrapalhando e sentia-se rejeitada.

Eu dormia no quarto da empregada. E eu sempre acordava nas madrugadas. Eram essas moças – e foram muitas- que me levavam ao banheiro no meio da noite quando eu chorava. Exaustas porque tinham trabalhado o dia inteiro, e eu não era a filha delas, elas eram quase sempre ríspidas, varadas de cansaço e raiva nem sempre contida. Elas não gostavam de mim, essa criança esquisita e sempre à espreita (BRUM, 2014, p.24).

Apesar da difícil relação, havia momentos de trégua entre elas, e um deles era proporcionado pelas novelas de rádio. “Eu sentada num banquinho, ela encostada na pia, esquecida do serviço, acompanhávamos as peripécias da heroína, dia após dia, até o catártico final feliz” (BRUM, 2014, p.24). Ao ouvir as novelas de rádio, Eliane percebia que o rosto fechado da empregada se abria ao ouvir as aventuras dos personagens. E, assim, ainda que não compreendesse muito bem, a menina podia entender que algo de extraordinário acontecia com as pessoas quando elas ouviam histórias. “Acho que a empregada escutava a novela, e eu escutava a empregada” (BRUM, 2014, p.25). Porque mais do que ser uma novela de rádio, ela era uma história contada, e essa era capaz de criar laços, unindo pessoas, independente de idade ou classe social, e, também, de transformar realidades, até mesmo aquelas mais escuras e cheias de ruínas. “As palavras rastejaram para dentro das minhas orelhas com suas unhas compridas, raramente limpas, e me contaminaram para sempre” (2014, p.29) E foi assim que Eliane descobriu o poder da palavra contada, e se tornou uma escutadeira que conta. E conta para poder narrar a vida dos outros e, até mesmo, narrar-se.

Para contrapor ao túmulo de morte, o da cidade, aquele habitado pela irmã morta, Eliane tinha outro, o de Luzia que ficava no Barreiro, interior de Ijuí, e que era visitado com frequência pelo seu pai no dia dos mortos.

Luzia, com esse nome profético, arrancou meu pai da cegueira das letras. E com ele, todas as gerações que vieram depois. E as que ainda virão. Era isso que, ano após ano, ele agradecia à beira do túmulo de Luzia. E eu escutava com os olhos (BRUM, 2014, p.67)

Por meio desse túmulo, sobre a lápide dessa mulher, que deu a luz, “com e sem crase”, ao seu pai, a escritora fez seu segundo parto. “Escolhi minha linhagem, meu lugar simbólico de pertencimento. Com a memória de Luzia, fiz meu parto para a vida – e a vida era a palavra escrita” (BRUM, 2014, p.68). Luzia era negra, filha mestiça de uma escrava e de um filho de Barão, que escolheu rejeitar a herança e ao conforto de sua bem-herança e tornar-se professor pelas lonjuras do Rio Grande e fez da filha professora também. A partir desse segundo parto, Eliane pôde escolher de quem descender, escolheu quais ideais defender, enfim, escolheu que vida possuir, e assim, optou nascer por meio da palavra.

A palavra é o outro corpo que habito. Não sei se existe vida após a morte. Desconfio que não. Sei que para mim não existe via fora da palavra escrita. Só sei ser – por escrito. No meu nome carrego o que sou e o que não sou, sustento o que busco e não alcanço, assim como o vazio entre as letras, o incapturável em mim. O indizível que também me constitui (BRUM, 2014, p.73).

Candau (2018) registra que a memória é a faculdade primeira, que alimenta a identidade. O autor trata a questão da identidade, em seu livro *Memória e identidade* (2018), como um estado construído coletivamente, pois, para ele, “uma construção social, de certa maneira sempre acontecendo no quadro de uma relação dialógica com o *Outro*” (2018, p.9). Levando em consideração a concepção pós-moderna, de que não há mais uma identidade fixa, essencial ou permanente, Hall concorda com a afirmação de Candau, e vê a identidade construída por meio da diferença. “A identidade é formada na ‘interação’ entre o ‘eu’ e a sociedade” (HALL, 2019, p.11). Dessa maneira, percebe-se que a identidade de Eliane formou-se de várias formas na sua interação com o outro, tanto com suas cuidadoras quanto com sua família, na irmã que morreu e na escolha de sua descendência.

Ao processo de formação de uma escritora, subjaz o processo de formação de uma leitora. E a estreia da leitora Eliane Brum, foi com glória e sem vírgulas. “Estava na tradicional missa do sábado com a família. De repente, juntei uma letra com outra no folheto da igreja. Gritei, interrompendo o padre: “Glória glória aleluia mãe eu li!”. Minha estreia foi assim, sem vírgulas” (BRUM, 2014, p.77). Embora longe de interpretações religiosas, a primeira frase lida por Eliane era exata, já que aprender a ler foi, e é, o máximo de glória e aleluia alcançado em sua vida. “Ler- e depois escrever – foi a descoberta maior, mediadora de tudo o que eu me tornaria. Foi a minha América, o meu novo mundo” (BRUM, 2014, p.80). Após descobrir a América, poderia desvendar outros continentes, outras realidades. E mais do que conhecer outros mundos, a autora enfim, começou a desvendar o seu universo e também descobrir-se.

Após páginas e livros de descoberta, era hora da leitora voraz se tornar escritora. Na ocasião, e não por opção, mas por necessidade de se livrar da culpa. Na intenção de amenizar um assassinato, nasceria uma autobiografia, a

“Autobiografia de uma barata”. Pelas linhas da obra, a menina pode inventar um passado e um futuro para o inseto que estava estilhaçado na sola de seu chinelo:

Em minha primeira história, eu era a vilã. (Mas talvez fosse também a barata filha). Escrevi na primeira pessoa, encarnando a defunta. A abertura da autobiografia era bem pouco original. Mas, pensando no que significou na minha vida, ganha uma camada adicional de sentido: “Nasci” (BRUM, 2014, p.87).

Nem o crime, nem a obra tiveram muita importância na casa de Eliane. Mas, mesmo sem leitores, a menina tinha encontrado um modo de dar vida e permanência pela palavra escrita. Nesse momento, além de criar uma vida para a barata, Eliane criou uma para ela mesma. Da história que eternizou a vida da barata mãe, nasceu a barata filha, aquela que no futuro seria uma jornalista, e que só se sente viva a partir do momento que descobre o poder da palavra escrita. “[...] eu tinha descoberto um modo de dar vida e permanência pela palavra escrita. Dar um corpo de letras aos meus cadáveres. Hoje, barata adulta, escrevo, como tantos outros, na ilusão de enganar a morte” (BRUM, 2014, p.87).

E foi num domingo entediante que tudo começou. “Se antes eu tinha escrito porque matei, dali em diante eu para sempre escreveria para não morrer” (BRUM, 2014, p.95). Inspirada, ou melhor, sufocada nesse dia chuvoso, a menina pegou um papel e uma caneta e começou a escrever uma poesia sobre o nascer do sol. “Eu tentava fazer o que tentaria fazer pelo resto dos dias, arrancar beleza onde parecia não haver nenhuma. Tinha nove anos” (2014, p.96). A poesia que parecia ruim e rebuscada demais, agradou o seu pai. Reconhecimento que valeu muito mais que qualquer prêmio de literatura, pois agora ela foi vista pelo seu pai. “Era a primeira vez que um gesto meu chamava de verdade a sua atenção. Meu pai me enxergava. Não parei mais de escrever. Escrevia em qualquer lugar. Guardanapos, papel de pão, de embrulho” (2014, p.96). E assim Eliane seguia espalhando pela casa rastros de letras, pistas para que seu pai a visse, e quiçá, levasse embora para uma casa onde pudesse existir (longe da lembrança da irmã morta), e portanto, habitar.

A palavra escrita me encarnou em um corpo onde eu podia viver. O corpo-letra. Ao fazer marcas no papel, com a ponta dura da caneta, entrei no território das possibilidades. As manchas da minha pele

primeiro rarearam, em seguida desaparecem. A literalidade que assinala meu estar no mundo, fazendo de mim uma geografia em que os sentimentos escavam quase mortes, encontrou uma mediação (BRUM,2014, p. 96/97)

Para a escritora, escrever significava a tentativa de viver. A sensação de estar sufocada na casa escura, ou no túmulo foi transformada em leveza, agora, era possível respirar ar puro e viajar pelas mais diversas histórias que a imaginação era capaz de criar. “Pela palavra escrita eu tornava-me capaz de transcender o concreto, transformar impotência em potência. Fui salva pela palavra escrita quando comecei a ler – e (talvez) em definitivo quando escrevi. E – importante- quando fui lida” (BRUM, 2014, p.97).

Foi, por meio das palavras, que a jornalista conseguiu resgatar a relação com o pai, os rastros de palavras espalhados pela casa, que foram resgatados puderam o levar até ela. “Ao me enxergar, ele me deu um corpo que eu podia habitar. Um corpo feminino que, ao ser reconhecido, eu poderia reconhecer. Ao me ver refletido em seu olhar, tornei-me capaz de viver para viver. E não para morrer”, (BRUM, 2014, p.97). E foi assim, em um domingo, que Eliane fez seu próprio parto. “Desde então, parto para continuar íntegra – eu partida, de partida” (BRUM, 2014, p.98).

A menina que sempre foi calada, agora gritava, sem mesmo emitir um som, gritava por meio da escrita. “Naqueles dias não importava se era bom ou ruim o que escrevia. Importava transformar dor em marca. Forjar um corpo para além do corpo, na letra” (BRUM, 2014, p.113). Mais importante que o conteúdo das poesias, era a possibilidade de viver o que as histórias possibilitavam.

Após recolher os rastros da pequena escritora, o pai de Eliane teve a ideia de fazer de seus escritos um livro. O lançamento aconteceu no salão do Clube de Ijuí com a casa cheia reunindo várias pessoas. A publicação, para a jornalista, parecia aterrorizante e encantadora ao mesmo tempo, já que os poemas não eram feitos apenas de palavras, eram constituídos de carne. “Quando a festa acabou, descobri que restava nua. Senti como se cada um que tivesse levado o livro para a casa possuísse agora um pedaço de mim. Ser lida por todos e por nenhum foi interpretado como um estupro” (BRUM, 2014, p.114). Em cada letra

escrita existia um pedaço da autora, ela era o que escrevia, e com a publicação sentiu-se invadida, afinal, era o seu corpo de palavras que estava sendo lido por outras pessoas.

A partir da concepção de que a identidade é formada na interação entre o indivíduo e a sociedade, é possível verificar que os fatos vivenciados têm grande influência sobre a sua formação, ao mesmo tempo em que podem afirmar uma identidade já existente, também podem colocá-la em dúvida. Para Bauman (2005), as identidades são mutáveis. “O ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis” (p.17). A palavra foi o instrumento que Eliane usou para tecer significados para a própria existência, e construir a sua narrativa. Porém, o fato da publicação do livro, ao mesmo tempo transformou poesia em tragédia, já que “de certo modo, era flertar com risco de me perder ao me dar ao outro, já que é o meu corpo que ofereço” (BRUM, 2014, p.117). E a mesma sensação que a menina Eliane sentiu ao publicar seu primeiro livro, hoje a jornalista e escritora Eliane Brum também sente. “Às vezes passava noites acordando em susto depois da publicação de uma reportagem ou de um artigo ou do lançamento de um livro, com a sensação de estar sem pele e sobrar em carne viva” (BRUM, 2014, p.117).

O livro respirava como um corpo, o meu corpo. Encarnar-me em letras para mim não era metáfora”. “Gotas da infância marcou o fim da infância. Parei de escrever. Cessei. Tranquei as letras em lugar inalcançável até para mim. E entrei na adolescência sem palavras (BRUM, 2014, p.118).

Esses múltiplos encontros mediados em sociedade por coletivos aos quais pertencemos, acabam formando e sendo o palco de nossas memórias que, conforme vemos no estudo dos escritos de Eliane Brum, atrelam-se à nossa essência e exprimem nossa formação identitária, formação essa que está sempre em movimento. Cada indivíduo, por exemplo, ao observar o mesmo fato, apreende e exterioriza as suas visões e concepções que o formam, rememorando cada uma das identidades múltiplas que compõe o seu ser fruto de um coletivo social. Stuart Hall, no que diz respeito a identidade, discorre que:

O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o 'eu real', mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais 'exteriores' e as identidades que esses mundos oferecem. A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o 'interior' e o 'exterior' – entre o mundo pessoal e o mundo público. [...] A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, 'sutura') o sujeito à estrutura (HALL, 2019, p.11).

Entre o conto “Meu corpo de palavras e o Salva por uma bomba”, existe um vasto tempo de silêncio, que é exemplificado na página 119 em que está escrito apenas a palavra “silêncio”. Essa única palavra é capaz de demonstrar o período da vida em que faltaram as palavras na vida da escritora. Junto com a ausência das palavras surgiram, dúvidas e incertezas quanto a forte relação que havia construído com as elas.

Para a psicanálise, o silêncio representa muito mais do que uma simples ausência de palavras. Ele esconde algo que o sujeito quer dizer, mas não consegue, aquilo que, muitas vezes, não se sabe nomear, mas que está inserido no inconsciente.

Jacques Lacan (1964-1965) remete a duas formas do silêncio, utilizando dois termos em latim. Define *taceo* como a dimensão do silêncio que é aquela da palavra não-dita, enquanto *sileo* é, para ele, um silêncio fundante, estruturante, que aponta para uma ausência essencial da palavra, isto é, um buraco de significação, uma impossibilidade de simbolização (LACAN *apud* CARREIRA, 2013)

Assim, a falta de palavras é importante para a autora, pois ela se constitui nesse lugar de palavra, o silêncio, mesmo que silêncio de palavras, é algo difícil de ser sustentado. No entanto, a falta é, também, constituinte do sujeito, é o que afirma Lacan, freudiano, e o silêncio faz notar essa falta, por isso, pode ser dolorido, já que ressalta uma ferida ainda febril: o sintoma, pode ser tapado com curativos (e reprimido), mas continuará ali (rodando em afetos), até que se consiga traduzi-lo em palavras e seja, então, elaborado (cicatrizado). E para que se consiga realizar todo esse processo, o silêncio é fundamental. Pois, ainda assim, há um resto, algo que não consegue chegar a ser palavra, um vazio, que também é estruturante do sujeito, mas que não se pode simbolizar. Portanto, se

antes a jornalista buscava sentido por meio das palavras, agora buscou sentido por meio do silêncio.

No entanto, se na adolescência faltavam palavras, sobravam acontecimentos e bruscas mudanças na vida de Eliane. “Eu vi meu corpo de menina virar corpo de mãe. Eu era um corpo que se transformava ao ser violado de fora para dentro e de dentro para fora” (BRUM, 2014, p.124). A jornalista perdeu a possibilidade de se subjetivar pelas palavras. Quando engravidou aos quinze anos, ela não conseguiu contar, aquela que foi salva pelas palavras, agora sentia a ausência delas. “‘Tu tens algo para nos contar’, disse meu pai. Eu tinha. Mas não conseguia. [...] O quarto estava escuro, janelas fechadas e luzes apagadas. O segredo oculto dentro de casa, respirando. De volta ao túmulo. Eu” (BRUM, 2014, p.123). As palavras que na infância tinham dado um corpo, uma existência possível para a menina, dessa vez a roubaram tudo:

Tornei-me uma imagem incômoda e cada vez maior evoluindo sem som pela casa. As palavras calaram-se em mim. Restava-me um corpo de menina transformando-se em um corpo de mãe, sem antes ter virado um corpo de mulher. A metamorfose do Kafka não alcançava o que senti. Naquele momento perdi também a palavra oral (BRUM, 2014, p. 122).

Após anos de silêncio, Eliane foi salva novamente, dessa vez por uma bomba. Mas não era qualquer bomba, essa era lançada em sala de aula pelo Marques Leonam, um gigante de um metro e sessenta e quatro de altura que, depois de contar o Rio Grande como repórter, virou professor. A palavra pronunciada com vigor pelo professor cabia a coisa e o efeito da coisa, o significante e o significado. Era capaz de causar destruição mesmo sem derrubar nenhum pilar, a estrutura que estava sendo abalada nesse momento era o interior da jornalista, a sua subjetividade, com a qual era possível existir. “A bomba atingiu minha porção viva. Salvou-me. Comecei a reconstruir meu corpo pelo som – estrondo - da palavra que simbolizava uma arma de destruição” (BRUM, 2014, p.121).

A escritora chegou ao curso de Jornalismo sem saber bem como. Entre biologia, história e informática, optou por Jornalismo. “Eu tinha certeza de que não servia para nada. Menos ainda para uma profissão que me obrigava a ter

contato com pessoas”. A menina que acreditava ter escolhido o curso errado, pela relação interpessoal que exigia, foi transformada e redescobriu a palavra, justamente, na relação com o outro. A bomba- o signo da coisa e não a coisa- resgataram em Eliane a possibilidade de que o horror pudesse ser pronunciado sem que ela morresse ou matasse. “Quando dita, a bomba poderia salvar. Como aconteceu. Me salvou porque podia ser dita. E era dita por um homem cujo olhar amoroso me devolvia uma chance de existir no corpo, mas também para além do corpo”, (BRUM, 2014, p. 123). Ao conhecer e conviver com o Leonam na faculdade, e também durante o estágio, Eliane foi notada, suas fraquezas identificadas, e então o professor a ajudou a reviver, assim, a faísca das palavras que estavam quase adormecidas se acenderam novamente.

Segundo a jornalista, para criar uma vida, é preciso sempre interrogar os seus significados. “Parece-me que viver uma vida viva é ter a coragem de perder os sentidos duramente construídos e ter que mais uma vez pactuá-los, recriá-los, negá-los e reinventá-los. Se fossem imutáveis, estáticos, nós seríamos mortos que respiram” (BRUM, 2014).¹¹ Logo, se a palavra escrita salvou Eliane Brum, foi para ela se perder de novo – ser “(des) salvada”. “Essa perda, ao mesmo tempo que me mata, me salva de uma vida morta”. No livro, a personagem Luzia sussurra o que parece ser a síntese desse raciocínio: “ser é perder-se” (BRUM, 2014, p.68).

Canclini reconhece que as identidades são hoje “processos de negociação, na medida em que são híbridas, dúcteis e multiculturais” (CANCLINI, 2006, p.138), portanto, são móveis, abertas e flexíveis. Assim, autores, como Hall, demonstram que a identidade deve ser pensada dentro do panorama social pós-moderno:

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. [...] Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”. [...] Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento (HALL, 2019, p.24).

¹¹ Entrevista cedida à revista Fórum. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/noticias/palavra-salva-de-eliane-brum/> acesso em: 01 de dez. de 2019.

Eliane conta que ao fim da faculdade, “A palavra fez a volta, mas como na fita de Moebius” (BRUM, 2014, p.125). A fita de Moebius foi criada pelo matemático e astrônomo alemão August Ferdinand Möbius, em 1858. A representação mais comum, e conhecida, é como um símbolo do infinito, a principal característica do objeto é que ela é uma fita com "apenas um lado". Os matemáticos chamam de "objeto não orientável", ou seja, é impossível determinar qual é a parte de cima e a de baixo, a de dentro e de fora. Assim, as palavras fizeram a volta num caminho que nunca deixaram de percorrer. Pois, as palavras eram/são infinito dentro da vida da autora. “Libertei as letras, e elas emergiram dos meus abismos como voragem” (BRUM, 2014, p.125). Emergiram das profundidades de Eliane, como algo que estava adormecido e despertou, pois mesmo quando passou por um período de silêncio sem escrever, ou mesmo falar, as palavras estavam em seu interior. “Voltei a escrever. Dessa vez, uma vida para mim” (BRUM, 2014, p.125). A palavra estava presente na subjetividade da autora e, a partir da relação dela com outras pessoas, ela reacendeu na vida de Eliane.

3.2 Memória e identidade: articulando diferenças

Segundo Mathias (1997), a memória representa o elemento primacial da autobiografia. O gênero também se centra na pessoa do autor, “privilegiando o olhar individual, pois que é dele, e da sua singularidade, que decorre todo o resto” (1997, p.41). O autor acrescenta que:

Desde logo, convém sublinhar que o exercício autobiográfico se situa na perspectiva do tempo que procura exumar e reconstruir. Retrospectiva ordenada quase sempre em função de critérios cronológicos, apresenta-se como um todo e como um todo pretende ser considerada. Esta busca de unidade constitui o mais específico da exigência autobiográfica (MATHIAS, 1997, p.41).

A memória além de ser fundamental para a escrita autobiográfica, também é elemento fundante da identidade, pois ela trabalha na releitura dos

resquícios do passado, o que se consolida numa construção narrativa do passado e, conseqüentemente, da identidade. Beatriz Sarlo (2007) entende que o passado surge por meio de uma construção narrativa, isto é, a rememoração se operacionaliza por meio da narração:

As 'visões do passado' (segundo fórmula de Benveniste) são construções. Justamente porque o tempo do passado não pode ser eliminado, e é um perseguidor que escraviza ou liberta, sua irrupção no presente é compreensível na medida em que seja organizada por procedimentos da narrativa e, através deles, por uma ideologia que evidencie um continuum significativo e interpretável do tempo. Fala-se do passado sem suspender o presente e, muitas vezes, implicando também o futuro. Lembra-se, narra-se ou se remete ao passado por um tipo de relato, [...] (SARLO, 2007, P.12).

A partir das concepções de Candau (2018), de que a memória é um dos pilares da identidade, entende-se que todo ato memorial apresenta intenções identitárias, na medida em que confere um sentido atual ao passado, pautado pelas preocupações do presente, esse é um trabalho de revisão crítica do passado e de si mesmo: “não existe um verdadeiro ato de memória que não esteja ancorado nos desafios identitários presentes” (CANDAU, 2018, p.150).

Bauman (2005) observa a identidade como um quebra-cabeças, o autor aponta que esse será sempre incompleto “ao qual faltam muitas peças (e jamais se saberá quantas)” (p.54). Em um quebra-cabeças comprado em loja, é possível observar a imagem final a ser montada, já no quebra-cabeças da identidade não há uma imagem dada antecipadamente. Dessa maneira, ao montar o quebra-cabeças comprado, você escolhe e encaixa as peças com o objetivo de formar a figura, conhecida desde o início do trabalho. Já no que diz respeito a identidade, o cenário se altera:

No caso da identidade, não funciona nem um pouco assim: o trabalho é totalmente direcionado para os meios. Não se começa pela imagem final, mas por uma série de peças já obtidas ou que pareçam valer a pena ter, e então se tenta descobrir como é possível agrupá-las e reagrupá-las para montar imagens (quantas?) agradáveis. (BAUMAN, 2005, p. 55).

E, assim, desenterrando fatos vividos, e elencando peças já existente do quebra-cabeças da sua própria vida, Eliane busca se reconstruir e decifrar-se. A partir das histórias contadas é possível verificar que a identidade da jornalista se constrói de diversas formas, como analisado a seguir. Seguindo a cronologia de sua história, em um dos primeiros capítulos, a escritora conta sobre a origem do seu nome.

Até o momento do nascimento, Eliane não se chamaria Eliane. O nome escolhido pela mãe, para a menina, era Isabel Cristina. Sua mãe buscava algo que combinasse com Cristina, porque esse era o nome de uma tia muito querida que cuidou do pai da jornalista quando ele ficou órfão. No entanto, quando a mãe de Eliane encontrou a combinação perfeita (Isabel Cristina) entrava no ar uma nova rádio novela, cujo nome da heroína era justamente Isabel Cristina. A mãe logo desistiu da ideia, com medo de que nascessem milhares de Isabéis Cristinas no mundo. “E assim virei, Eliane. Eliane Cristina. E meu nome talvez tenha sido a primeira palavra que odiei. Reneguei-o desde que me lembro de mim” (2014, p.26). O nome escolhido não agradou nada a menina, ainda mais quando lembrava que poderia ter nome de heroína. A escolha foi tão odiada que durante anos, a escritora contava para todos que seu nome era Ani. E quanto ao Cristina:

Cristina eu matei muito antes, tão logo pude. Se amava minha tia Cristina, e eu a amava, a possibilidade de repetir o seu destino me assombrava. Minha boa tia Cristina amargava um marido bêbado, sem jamais lembrar-se de que poderia deixa-lo. Talvez porque não pudesse. E nunca soubemos onde ela enfiava tanta resignação até o dia em que teve um derrame (2014, p.26/27).

Nas histórias do livro, é possível identificar a forte relação da autora com as mulheres da sua família. Aquelas que eram exemplo do que ser, e, também, de quem e do que não ser na vida. “Eu era rodeada por mulheres bondosas demais, e tristes, muito tristes. No mundo onde eu nasci ser mulher era suportar a vida. O fardo, a cruz, dia após dia. Essas eram as santas, as putas não me eram apresentadas”, (2014, p.27). Eliane não queria ser santa, nem Cristina, muito menos repetir o destino da tia. “Minha tia Cristina levava a sério demais o fato de seu nome ser o feminino de Cristo. E eu também levei a sério o suficiente

para decidir que ser uma Cristina não era nem meu gosto, nem meu destino, menos ainda rima ou solução” (2014, p.27/28). Se Eliane nada dizia, Cristina dizia demais.

É do olhar individual e da singularidade da autora que toda a história decorre. No entanto, percebe-se que mesmo a escrita autobiográfica sendo um ato solitário, as memórias contidas nas histórias derivam de acontecimentos, muitas vezes coletivos, vividos pela autora em convívio com sua família e, também, com outras pessoas. Sendo isso definido por Halbwachs (2004) como memória coletiva. Assim, tem-se percepção de que o sujeito não está fechado em si, mas é atravessado a todo momento por outros sujeitos outras visões, formações, e percepções de um mesmo acontecimento.

Para Halbwachs (2004), a memória individual deriva da memória coletiva, sendo assim, a primeira é apenas um ponto de vista da segunda, uma forma de recriar/ atualizar o que já foi dito. “Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referências que existem fora de si, determinados pela sociedade” (p.72). Portanto, percebe-se que a memória individual se dá a partir das relações sociais, na interação com o coletivo. É nítido como as noções de memória, falamos em memória coletiva e social, segundo Halbwachs, se cruzam com o que é explicado por Hall, no que designa a noção de identidade, pois, segundo ele, “a identidade torna-se uma ‘celebração móvel’ formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente” (HALL, 2019, p.11/12).

Tendo em vista que a memória é o instrumento capaz de trazer o passado para o presente, e que está é influenciada pela memória coletiva, é inevitável que a memória familiar seja o primeiro recurso de que o sujeito se vale para que se torne o instrumento para a construção identitária. E na família que o indivíduo encontra seus primeiros referentes.

Candau, ao ler Halbwachs, diz que a memória genealógica e familiar é o que o autor denomina como laço vivo das gerações. Para ele, é na memória genealógica e familiar, que o jogo da memória, e da identidade, se dá a ver mais facilmente. “O conjunto de lembranças que compartilham os membros de uma

mesma família, observa Halbwachs, participa da identidade particular dessa família” (2018, p.137).

De acordo com Candau (2018), quando ocorre essa reapropriação do passado, e essa é relatada por alguém, ela se torna específica e o sentido que ela confere aos acontecimentos familiares memorizados é, irredutivelmente, singular. “Em uma lógica de diferenciação e autonomização, essa reapropriação permite ao indivíduo elaborar e logo narrar sua própria história “(p.141).

A memória familiar se mostra como um dos fatores de união entre memória e identidade por mobilizar as lembranças compartilhadas, nas quais se apoiam os saberes coletivos, as origens comuns. Esse é o princípio do vínculo entre memória e identidade: pois a consolidação (mesmo que provisória) da identidade enraíza-se em processos memoriais e as buscas memoriais em interesses identitários, num fluxo de interação constante. E assim, é possível conhecer e construir sua própria identidade e também preservar sua própria memória:

Mesmo quando inscrita na construção de uma identidade coletiva (comunitária ou familiar, por exemplo), a transmissão que todo genealogista procura é, antes de tudo, a de si mesmo: salvaguardando a memória de seus ancestrais, ele protege também a sua (CANDAU, 2018, p.139)

Entre as lembranças e os costumes compartilhados pela família Brum, estava o gosto pelos livros, que eram figuras presentes no cotidiano da família. “Na minha casa, a literatura era o território da liberdade e a busca pertencia a cada um. Meus pais amavam tanto os livros que jamais ousariam profaná-los com uma censura” (BRUM, 2014, p.81). Quando Mano Pequeno se mudou para São Paulo para cursar física na Unicamp, se automeu-se mentor a distância da irmã mais nova. Ainda que sobrevivesse com um salário mínimo, ele dava um jeito de enviar livros pelo correio para Eliane.

[Ele] tinha metas bem claras na minha educação. Num mesmo pacote, eu recebi de uma vez o *Manifesto Comunista* e um clássico feminista brasileiro chamado *Maria Sem Vergonha (de ser mulher)*. [...] Mano pequeno parecia ter grandes planos para a mulher que eu seria. E eu me esforçava para não o decepcionar (BRUM, 2014, p.82/ 83).

Segundo Cadau (2018), as identidades não se constroem a partir de um conjunto estável e, objetivamente, definível de traços culturais, mas “são produzidas e se modificam no quadro das relações, reações e interações socioambientais – situações, contexto, circunstâncias- de onde emergem os sentimentos de pertencimento, de ‘visões de mundo’ identitárias ou étnicas. Levando em conta essa afirmação, pode-se dizer que muito do que Eliane leu durante a infância, hoje leva como lema de vida e defende em suas reportagens. Pois, a jornalista ficou conhecida durante sua carreira por defender causas sociais, inclusive conta que era conhecida como a jornalista das pautas humanas, mas como ela mesma questiona: que pauta não é humana?!

Nos primeiros anos de repórter, as pessoas diziam que eu fazia as pautas humanas. E eu sempre fiquei pensando: mas existem pautas não humanas?”, gargalha Eliane. "Sempre foi difícil dizer sobre o que eu escrevo. Acabo dizendo que escrevo sobre direitos humanos, mas não acho que seja isso, até porque eu acho que as gentes não são só humanas. Os animais são gente, as plantas são gente, eu vejo o mundo de um outro jeito (BRUM *apud* OLIVEIRA, 2019).

Outra relação forte na vida da jornalista era com as mulheres da sua família, as quais gestavam jardins furiosos. Lugar esse que simbolizava a primavera da sua infância, o tempo e o lugar feliz, a estação amigável e colorida, em que a parte viva da menina era desperta em meio a fúria do jardim.

Diante dessas mulheres que se insubordinavam em verde, com coxas de plantas e suas vaginas de flor carnívora, era previsível que eu desejasse o meu próprio jardim. Penso que acreditava ser capaz de recuperar as roseiras do meu pai, a casa de idílios e um tempo sem luto. Mas percebo que ainda havia algo do feminino que eu intuía que só poderia florescer em território próprio (BRUM, 2014, p. 46)

A jornalista se refere carinhosamente às mulheres da sua família como *Mulheres-Flores*. A relação criada entre elas e as plantas era tão forte e intensa que era inevitável não se tornarem parte de seus jardins.

Havia algo de inquietante naquela selva para a qual me carregavam, e onde eu me sentia mais viva do que em qualquer outro lugar na infância. Ainda sem perceber que era lá que o coração daquelas

mulheres pulsava em desatino, para onde escapavam de um corpo em que o desejo fora sepultado sob a lápide do casamento, das convenções e dos dias. Era lá que seu sexo pulsava, úmido e quente, devorando e sendo devorado, enquanto elas ajeitavam os bodes no cabelo (BRUM, 2014, p.43)

Ao ver e conviver entre as flores das tias, era inevitável que a menina, também, almejasse criar e habitar um jardim. Entretanto, sabia claramente que o jardim que queria era único, composto com suas flores e espinhos, aquelas que somente ela poderia plantar, adubar ou matar quando bem entendesse. Diferente das tias, a jornalista gostaria de ter comando sobre o jardim, e muito mais que gestar as flores, ela gostaria de deter controle em seu próprio território. Pois, somente assim, poderia florescer. Candau (2018) assevera que a memória familiar é, para cada indivíduo, ao mesmo tempo consciência de ligação e de separação. Por meio dela, é possível definir o que ser, mas também o que não ser.

Mesmo que os relatos encontrem alguma ressonância com o que outros membros do grupo familiar elaboram, esse é um ato singular e a narração é redigida em primeira pessoa, por isso “ao mesmo tempo em que constrói sua identidade pessoal por uma totalização provisória de seu passado, o indivíduo realiza, portanto, a aprendizagem da alteridade. Desse ponto de vista, a memória familiar é para o indivíduo ao mesmo tempo a consciência de uma ligação e a consciência de uma separação” (CANDAU, 2018, p.141).

Essa relação que se constrói entre eu e o outro é definida pelo conceito de alteridade. No conceito antropológico, o eu só pode ser entendido a partir da interação com o outro. Por isso, o processo de diferenciação estabelecido entre o eu e o outro é importante para a definição do entendimento do que eu sou, do que o outro é e, portanto, do que não sou. Com isso, a partir do entendimento dessas noções é que se firmam as diferenças entre o eu e o outro.

Para Jovchelovitch (1998), entende-se por alteridade “a relação de um sujeito refletida em outros sujeitos; a forma como o sujeito constrói sua identidade por meio dos outros sujeitos, ou seja, como ele define o próprio eu a partir da visão do outro, relação que faz o sujeito ser ele mesmo” (JOVCHELOVITCH *apud* OLIVEIRA; LEÃO, 2012, p.269).

A diferenciação, portanto, é responsável por (re)construir/(re)produzir a alteridade, por definir quem é o “outro”, e torná-lo identificável, (in)visível, previsível.

Entre as mulheres da família de Eliane, a sua mãe era a única que não cultivava um jardim. Ato que era, praticamente, incompreensível para a pequena menina. Aos poucos, e com o passar do tempo, hoje, a mulher Eliane entendeu que sua mãe não negava a ela às flores, ou o jardim, e sim, o que ele significava, ela negava o seu avesso. O avesso do jardim das tias. “A resignação, o queixume, o lugar da vítima” (BRUM, 2014, p.47). Lugar esse que não era ocupado pela mãe da escritora. Pois, “da sua maneira, rebelou-se com a sina feminina do seu tempo, na cidade pequena. E me legou uma herança que também me traz até aqui” (2014, p.47).

Por sua causa, as orquídeas que moram na minha janela e procriam furiosamente sabem que, em algum momento, eu talvez as mastigue. Minha mãe me negou as flores, mas me obrigou a criar dentes. Gestei caninos afiados como as espadas de samurai dos filmes de Tarantino – e os cravei no feminino em mim (BRUM, 2014, p.47/48).

Nesse trecho é possível identificar que os ensinamentos passados pela mãe da autora deixam marcas até hoje em sua vida. Quando a jornalista cita que sua mãe a obrigou a “criar dentes”, pode-se entender que ela a obrigou a ser forte, mas também diz respeito à independência, se ligar ao fato de que, após criar dentes, a criança não precisa mais da ajuda da mãe para preparação do alimento, e que, assim, pode se alimentar sozinha. O ato faz referência ao fato de se defender, já que os dentes são as armas com as quais os animais se defendem, atacam e também buscam seu alimento. Ao fazer referência as espadas dos filmes de samurai, pode-se entender que os dentes são a sua arma de defesa, a qual está presente e cravado no feminino da jornalista. Se durante a narrativa as mulheres da família da autora eram adjetivadas como flores, se tratando da própria jornalista, não poderia ser diferente, já que ela também habitava um jardim. Entretanto, a passagem faz lembrar e associar à figura dela à flor dente-de-leão. Que para o senso comum simboliza a liberdade, o otimismo, a esperança e a luz espiritual. Essa flor, apesar de delicada, é muito forte, ela é uma planta selvagem que cresce em jardins, quintais em meio à outras plantas e flores. Os dentes também podem simbolizar as palavras, já que esta é a arma

que a escritora usa para expressar suas ideias e, também, lutar pelas causas que defende.

Outra flor que brilha no jardim das memórias de Eliane é a sua avó. Apesar de hoje não estar mais presente fisicamente, seus ensinamentos continuam vivos na memória, no dia a dia, e, principalmente, nas escritas da jornalista. A avó materna de Eliane era comedida em tudo, menos na imaginação e no afeto com a neta. Era ela que a resgatava da escuridão do apartamento e a colocava na primavera do seu jardim. “[ela] me instalava entre as plantas de um jardim que ela cultivava com a fúria de quem semeava insurreições em terra de dentro. Ou me deixava ficar entre os bibelôs de sua casa, pálidos sobreviventes de um tempo em que ela acreditava em futuro”, (BRUM, 2014, p.31).

As tardes ficavam pequenas quando avó e neta se juntavam para contar e ouvir histórias, talvez esse seja o momento em que nascia uma Eliane escutadeira. Foi com ela que aprendeu os casos sobre Pedro Malasartes, personagem tradicional da cultura brasileira.

O melhor da minha avó eram as histórias urdidas com retalhos pinçados do território sem fronteiras do ontem. Ela era cheia de contos, e eu tinha ouvidos gulosos. Desde pequena, sou capaz de permanecer horas só escutando, sem a necessidade de falar de mim mesma (BRUM, 2014, p. 32).

A memória e a identidade pessoal devem sempre compor com a memória familiar, pois esta é uma memória forte, que exerce seu poder para além de laços, aparentemente, distendidos Candau (2018):

[...] Solidariedades invisíveis e imaginação vinculam sempre um indivíduo a seus ascendentes: a memória familiar é nossa “terra”, de acordo com os termos de um informante de Anne Muxel, é uma herança da qual não podemos nos desfazer e que faz com que, como diz Rimbaud, percorramos lugares desconhecidos sobre os traços de nossos pais (CANDAU, 2018, p.141).

Os laços que aparentemente já teriam sido distendidos em decorrência da lei natural da vida (ou morte), permanecem entrelaçados e firmes buscando sempre unir e conduzir seus descendentes, levando em consideração os ensinamentos deixados pelos mais velhos. A jornalista relata que, por meio das

histórias contadas pela avó, pode tirar lições que leva para a vida, e uma delas aprendeu ouvindo a história das cartas de amor que ela recebia do avô antes do casamento, e que a fizeram dizer sim. “A cada página, seu arrebatamento crescia. Até que sucumbiu, respondendo na caligrafia elegante de uma quase professora que aceitava ser acolhida por ele no altar e na vida” (BRUM, 2014, p.37). Mas, para sua tristeza, logo após o casamento, que na época tinha contrato de eternidade, Teresinha descobriu que Antonio era analfabeto e que, na verdade, se apaixonou por sua cunhada, Hipólita, a verdadeira autora das cartas. “As cartas de amor da minha avó provam que não há reparação para a palavra escrita. Essa foi uma lição definitiva para a neta que um dia se tornaria repórter e contaria histórias de gente. Eu sempre soube que, se errasse – e algumas vezes errei -, não haveria maneira de reparar” (BRUM, 2014, p.39).

E foi por meio das histórias contadas por sua avó que aprendeu a escrever com as pontas dos dedos. “Até hoje durmo em sobressalto na noite entre o fechamento e a chegada da reportagem às bancas (ou à internet), com medo de ter me equivocado em algum detalhe, causado dano irreparável a alguém” (BRUM, 2014, p.39).

Entre as memórias compartilhadas pela jornalista, percebe-se que a memória familiar se destaca como sendo a pioneira dentro do baú de lembranças.

Anne Muxel mostra como a memória familiar serve de princípio organizador da identidade do sujeito em diferentes modalidades. De um lado, intervém o compartilhamento de certas lembranças e esquecimentos (em particular o dos mortos) ou, mais exatamente me parece, o compartilhamento da vontade de compartilhar, uma vez que o nível metamemorial é importante para a representação de uma memória familiar. A reminiscência comum e a repetição de certos rituais (refeições, festas familiares), a conservação coletiva de saberes, de referenciais, de recordações familiares e de emblemas (fotografias, lugares, objetos, papéis de família, odores, canções, receitas de cozinha, patronímia e nomes próprios), bem como a responsabilidade pela transmissão das heranças materiais e imateriais, são dimensões essenciais do sentimento de pertencimento e dos laços familiares, fazendo com que os membros da parentela queiram considerar-se como uma família (CANDAU, 2018, p.140).

Ao traçar o esboço de vida, que o gênero memorialístico permite, a autora faz cruzar outros trajetos semelhantes. Sua vida escrita traça uma espécie de colcha de retalhos em que se juntam, o sistema individual e social de outras vidas parecidas. “Recordações são fragmentos de tempo. Com elas costuramos um corpo de palavras que nos permite sustentar uma vida” (BRUM, 2014, p.7).

Por mais egocêntrica ou narcísica que seja, a dramatização escrita da experiência pessoal de vida estará encenando, mesmo que inadvertidamente, fatores externos interativos na conformação da subjetividade de cada um e, num palco mais amplo, na conformação da sociedade, com sua história e com os valores culturais que a constituem (VIANA, 1993, p.152).

Portanto, mesmo traçando um percurso individual, o contexto psicossócio-político em que a autora está inserida podem ser detectadas na escrita. É nesse sentido que o resgate literário dessa autobiografia pode oferecer uma nova dimensão do valor social da narrativa, não como uma representação da realidade, mas como um espaço em que a memória prefigura a ficção e a história.

A jornalista nasceu em 1966, dois anos depois do golpe civil-militar de 1964 e dois anos antes do AI-5. Apesar de nascer neste período, não conheceu ninguém que tivesse os pais ou os irmãos torturados. Entretanto, apesar da pouca idade “[sempre] soube que vivia numa ditadura e não seria o que sou se não tivesse nascido num país em que a Constituição era um chiclete gasto colado na sola de um coturno”, (2014, p.55). A resistência da família Brum era a da cidade pequena, da miudeza. “E nossas perdas sangravam sem sangue p.55”. Apesar de não entender o que estava em jogo, a jornalista:

sabia que: a ditadura era ruim, os militares no poder eram maus brasileiros, os empresários que passeavam seus Dodges Dart ou seus Galaxies na BR nos finais de semana, careciam de decência, e eu não devia repetir o que ouvia em casa nem falar dos livros escondidos (BRUM, 2014, p.56)

Hoje, Eliane Brum compreende que entre matar ou morrer, ela pode escrever e assim, por meio das palavras, expressar toda sua indignação. No entanto, não era o que compreendia a menina de 6 anos, que na intenção de fazer justiça com as próprias mãos tentou colocar fogo na prefeitura para defender seu herói, no caso seu pai. O ato de guerrilha teve início depois de uma reunião entre professores (seu pai), a comunidade e o prefeito da cidade. Subentende-se que nessa reunião decidiu-se por fechar uma escola rural que respeitava o calendário das colheitas pois, o programa pedagógico acolhia à economia local e as famílias. O que na “indigência intelectual dos apoiadores do regime na cidade sempre foi um espanto. E assim era preciso acabar com a subversão da escola” (BRUM, 2014, p.57). Após a fala do prefeito seu pai se sentiu humilhado, era a primeira vez que Eliane via seu herói sendo vencido.

No meu entendimento das coisas, ao juntar os fragmentos que ouvia na hora das refeições, aquele prédio neoclássico, o mais imponente da cidade, era “a” ditadura. Se pegasse fogo, o mal, cessaria, e eu não veria mais aquelas olheiras fundas sustentando os olhos feridos do meu pai (BRUM, 2014, p.58).

Além dos membros da família Brum, no decorrer da narrativa, é possível identificar outras pessoas que cruzaram os caminhos da jornalista e que foram de extrema importância para sua formação.

A formação de identidade por meio da relação com outro fica ainda mais evidente quando a jornalista cita “Nasci não de um, mas de vários túmulos. E um deles era um túmulo vivo” (2014, p.63), nesse trecho a autora faz referência à Luzia, aquela que foi professora de seu pai e que trouxe Luz, com toda a literalidade que o nome possui, à sua família. “Luzia iluminou primeiro o nome do meu pai. [...] E eu? Fui salva pela mulher que só conheci como lenda. Luzia, a do túmulo vivo” (BRUM, 2014, p.64/65). Em reconhecimento a grande importância que Luzia teve na vida da sua família, Eliane segue o ritual do seu pai e ao menos uma vez por ano leva flores para Luzia. “Nem sigo mais meu pai, mas a mim mesma. Sento-me na beirada do seu túmulo e, depois de dizer obrigada, me enfio dentro de mim para reeditar meu pacto com as palavras. Lembre-me ali de quem escolhi ser. E Luzia sussurra: ser é perder-se” (BRUM, 2014, p.68).

Escolhi viver sem fronteiras definidas, nações não me interessam, limites só me importam os da ética. Tenho um coração andarilho, um corpo mutante, uma mente transgênera. Sou irmã, mãe, filha, homem, cúmplice, bicho bicho, bicho humano, árvore, erva daninha, pedra, rio. Vírus. Sou todas as cores, todos os sexos, todas as línguas. Sou palavra em palavras. Mas o meu corpo que viveu e que amou e que gozou e que foi marcado, este tem um lugar. Na letra-luz de Luzia (BRUM, 2014, p.69)

Ela é o que é, e pode ser o quiser hoje graças a luz trazida por Luzia por meio das palavras. Ao ensinar o pai de Eliane o poder da palavra escrita, Luzia também ensinou e transformou a realidade de toda uma geração. A jornalista se descreve como um ser mutante, sem limites definidos, o que deixa ainda mais em evidência a ideia de identidades flutuantes e fragmentadas. Para Stuart Hall, a identificação (termo usado pelo autor para evidenciar a instabilidade das identidades) é um processo de articulação, pois para ele as identidades não são nunca unificadas.

[...] elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação (HALL, 2014, p. 108).

Dessa forma, Hall (2019), ao definir identidade cultural, admite que o contato com o outro, ou seja, a alteridade é o que constitui o homem. Woodward (2014) concorda com a definição, pois afirma que:

[a] identidade, portanto, não se encontra encerrada quando de seu nascimento, mas resulta de uma busca constante, uma construção diária. Isso faz da identidade uma celebração móvel, sujeita a contínuas formações e transformações; passível de construir-se no contato com o outro, em vivências e convivências. Consequentemente, perde sentido pensar a identidade como única e definida (WOODWARD *apud* OLIVEIRA; LEÃO, 2012, p.265)

Para Brum, o jornalismo é um “aproximador” de mundos. “Ele dá ao leitor a possibilidade de alcançar o mundo do outro — ainda que o mundo do outro seja a favela, logo ali ou a fronteira da Líbia. Dá a oportunidade de perceber que

somos mais semelhantes que diferentes” (BRUM¹², 2011). E muito antes de se tornar jornalista, Eliane já havia experimentados outros mundos. Um deles foi o da “Menina dos Sete”. Na história, a escritora relata um assalto que sofreu quando criança, em que os assaltantes eram outras crianças. O fato aconteceu em uma tarde ensolarada de domingo, quando resolveu ir ao cinema sozinha. “Lembro do sentimento duplo, a autonomia e a ameaça. Nunca me livreí dessas duas emoções conflitantes, mas sempre lado a lado numa sociedade machista até hoje” (BRUM, 2014, p.99). Entre os assaltantes, estava uma menina que aparentava ter a mesma idade que ela, sete anos, porém, com uma trajetória de vida distinta. “No domingo ensolarado de 1975, a menina desnuda em uma anágua, ainda que com uma seringa na mão, era eu. Ela me vestiu a sua pele. E, de certo modo, parte dela nunca mais me deixou” (2014, p.103). Com o passar dos anos o destino das duas se distanciou ainda mais. “Eu vi, nós duas vimos, o que aconteceu comigo. E o que aconteceu com ela. A diferença de nossos destinos se desenrolando num roteiro mudo pelas ruas da cidade pequena”, (BRUM, 2014, p.103).

Escrevo também para mantê-la viva. Ela me ensinou que os dentes do mundo estão sobre nossos corpos. Muito mais no corpo dela no que no meu. Não há nada pior – nada- do que ser criança, menina, e viver (e morrer) no desamparo. Em algum momento no qual nossos olhos se encontraram, eu compreendi que a guerra não era entre nós. Nunca havia sido entre nós. Em algum momento, fiz minha escolha. Por ela, por mim. Essa escolha definiu o que sou, (BRUM, 2014, p. 103).

Woodward assevera que os diferentes contextos sociais fazem com que o sujeito se envolva em diferentes significados sociais. O lugar ocupado por um indivíduo torna-se fundamental ao entendimento de sua identidade, podendo este assumir identidades distintas, conforme os papéis sociais que exerce nos âmbitos familiar, profissional, entre amigos, etc. “Em um certo sentido, somos posicionados – e também posicionamos a nós mesmos – de acordo com os ‘campos sociais’ nos quais estamos atuando” (WOODWARD, 2014, p.31)

¹² Entrevista cedida à Luís Henrique Pellanda, repórter da revista Suplemento Pernambuco. Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/entrevistas/345-faro-jornalistico-para-achar-grandes-desacontecimentos.html> acesso: 17 de dez. de 2019

Antes consideradas sólidas e fixas, a partir do sujeito pós-moderno, as identidades passam a ser compreendidas em seu caráter móvel e fragmentado, em constante diálogo com o social em contínua mutação.

Também para Woodward (2014), a diferença marca a identidade, uma vez que ela é relacional. Só há identidade porque existe diferença, e a demarcação dessa permite dividir a sociedade em grupos distintos. Dessa forma, a construção do sujeito deve ser pensada considerando-o um ente cultural, inserindo-o num espaço dinâmico e reconhecendo ressonâncias históricas.

A soma de todas as experiências foram moldando e construindo o ser que “hoje” escreve e transparece, mesmo que velada, a sua plural essência. Para Anne Muxel, o trabalho da memória é “o trabalho de reapropriação e negociação que cada um deve fazer em relação a seu passado para chegar a sua própria individualidade” (MUXEL *apud* CANDAU, 2018, p.16).

A escritora, movida pelas histórias que conhecia e contava de outros, pode, em sua autobiografia, dar voz as suas histórias, memórias que foram fundamentais para que a jornalista se constituísse por meio da escrita. No final do prefácio, Eliane finaliza: “Esta é a minha memória. Dela eu sou aquela que nasce, mas também sou a parteira” (2014, p.7). Com isso, percebemos a fragmentação da identidade, pois ao mesmo tempo nasce e, também, conduz o nascimento.

Ainda é possível notar que essa foi construída e transformada no decorrer da vida, principalmente, no que diz respeito a sua relação com a palavra escrita. Construção a que se dá a partir da relação dela com o outro, pois, no decorrer da escritura, ao contar suas histórias, traz à tona personagens que conviveram com ela e colaboram na sua formação como escritora, jornalista e mulher, pois, como afirma Hall, a identidade só é formada em relação ao outro, assim o indivíduo é moldado diante da diferença.

As identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que o significado ‘positivo’ de qualquer termo- e, assim, sua ‘identidade’ – pode ser construída (HALL, 2014, p.110).

Ao fazer um “percurso de dentro para dentro” a autora que sempre contou histórias indagando como cada um inventa uma vida, como cada um cria sentido para os dias, como cada um se arranca do silêncio para virar narrativa, agora percorre-se com delicadeza, mas sem pudor, mais do que se revela, oferece-se ao leitor nua. “Desta vez, fiz um percurso de dentro para dentro. Me percorri” (BRUM, 2014, p.7). Dessa maneira, o passado é visto como fonte para o presente e para o futuro.

Nesse sentido, a memória atua como fonte de referentes identitários, pois “pela retrospectiva o homem aprende a suportar a duração: juntando os pedaços do que foi uma nova imagem que poderá talvez ajudá-lo a encarar a vida presente” (CANDAU, 2018, p.15). A relação da Eliane com as palavras é uma relação íntima, de entrega necessária, um caso até de sobrevivência. A autora se constitui a partir da escrita, a menina que flertava com a morte foi salva pela palavra escrita, a literatura a faz nascer novamente.

A rememoração dá forma aos nossos elos de ligação com o passado, e os modos de rememorar nos definem no presente. Como indivíduos e sociedades, precisamos do passado para construir e ancorar nossas identidades e alimentar uma visão do futuro (HUYSEN, 2000, p.67).

Após o olhar para si, Eliane reencontrou aquilo que é seu norte: transformar vidas em narrativas.

Ser repórter não é o que eu faço, é o que sou. Isso é muito definidor para mim. Há mais de 20 anos bato na porta das pessoas, seja embaixo da ponte ou nos palácios, na Amazônia ou no pampa gaúcho ou no deserto do Saara, e entro. Sou privilegiada por ter minha vida enriquecida por uma multidão de histórias. Mas, se ser repórter é o que sou, não é tudo o que sou (BRUM¹³, 2011).

¹³ Entrevista cedida à Luís Henrique Pellanda, repórter da revista Suplemento Pernambuco. Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/entrevistas/345-faro-jornalistico-para-achar-grandes-desacontecimentos.html> acesso: 17 de dez. de 2019

3.3 Eliane Brum: jornalista em eterna construção

“Para mim, as notícias habitam os detalhes, às vezes empoeirados, do cotidiano. A maior parte das histórias reais que conto vem dessa grandeza do pequeno, da delicadeza que anima cada vida humana, mesmo nas horas brutas. Sou uma repórter de desacontecimentos desde que Lili desaconteceu na minha vida”

Eliane Brum

Após descobrir o vasto território que os livros proporcionavam Eliane, ainda criança, só queria habitar um mundo, o fabuloso e encantado mundo da leitura. “Eu lia tudo e sem critérios aparentes além da busca por respostas. Depois de descobrir que a vida não existia nem em Ijuí nem em Marte, mas nas letras no papel, eu tinha muita ânsia de mundo” (BRUM, 2014, p.81).

Na jornada pelos caminhos da leitura, a jornalista cruzou com outras pessoas que também sabiam e sentiam o poder das histórias contadas. Uma delas era Lili, a moça da livraria, que muito mais que uma vendedora de livros, era a guardiã de encantados portais. “Para mim seu cargo era tão importante que não entendia como alguém pudesse aspirar a ser estrela de cinema se existia algo tão melhor como ser chefe da seção de livros da Cultural. [...] Só Lili sabia que os livros não eram objetos, mas portais” (BRUM, 2014, p.89-91). Portais que foram capazes de fazer com que a pequena leitora reconhecesse seu lugar no mundo. “Enrolada em mim mesma entre prateleiras habitadas, eu tinha descoberto meu lugar no mundo” (BRUM, 2014, p. 90). Quando Lili permitiu que ela lesse, possibilitou também que um dia Eliane se torna-se escritora. A própria jornalista destaca a importância de Lili, não somente em sua vida, mas também na sua carreira como escritora e jornalista.

Ela podia me ler porque um dia permitiu que eu lesse numa esquina das prateleiras de uma livraria de cidade pequena. Eu podia escrever porque antes ela havia me lido. Lili tinha asas na alma. E às vezes se esquecia disso. Acredito que só alcançamos o extraordinário do que somos ao sermos capazes de alcançar o extraordinário que é o outro. Entre mim e Lili, foi uma volta completa (BRUM, 2014, p.93)

Além de Lili, outras pessoas “desaconteceram” na vida de Eliane. Assim, por meio das histórias contadas, é possível perceber que a relação com o outro influenciou na formação da jornalista.

sou tão influenciada pelos livros que li e que leio quanto pelas pessoas que me contaram suas histórias durante os últimos 25 anos, nas várias e diversas paisagens brasileiras e também nas periferias das grandes cidades. Algumas destas pessoas eram analfabetas e eu me via diante delas extasiada com os achados de linguagem, com a invenção de palavras e com o ritmo da narrativa, pensando: “Nossa! Essa pessoa está fazendo literatura pela boca!” (BRUM *apud* CARDARELLI, 2013)

Segundo a autora, quando se tornou repórter, buscou fazer da sua escrita um espelho amoroso no qual as pessoas, cujas histórias contava, pudessem se enxergar, descobrir-se habitantes do território das possibilidades e viver segundo seus próprios mistérios.

Ser contadora de histórias reais é acolher a vida para transformá-la em narrativa da vida. É só como história contada que podemos existir. Por isso escolhi buscar os invisíveis, os sem-voz, os esquecidos, os proscritos, os não contados, aqueles à margem da narrativa. Em cada um deles resgatava a mim mesma- me salvava da morte simbólica de uma vida não escrita (BRUM, 2014, p.97).

Para a escritora, o que o jornalismo lhe deu de mais importante foi a possibilidade de bater na porta do outro e entrar para ouvir as histórias e depois contá-las. “Como repórter, o que me interessa é compreender como as pessoas dão sentido à sua vida — e como — em geral com muito pouco — reinventam a sua vida e forjam um lugar no mundo. Isso é o fabuloso do humano — e é isso que eu persigo como contadora de histórias reais” (BRUM¹⁴, 2011). E ao narrar a vida do outro, a escritora consegue encontrar o sentido da sua própria vida.

A vida é caos — e só consegui encontrar sentido para minha própria vida ao descobrir que toda vida humana pode virar palavra, narrativa. Narrar, afinal, é arrancar a vida de sua essência, do caos, e organizá-la pela palavra para torná-la humanamente possível. Por isso é criminoso quando parte da imprensa afirma que algumas vidas não valem uma história. Eu digo que toda vida vale uma história. E me

¹⁴ Entrevista cedida à Luís Henrique Pellanda, repórter da revista Suplemento Pernambuco. Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/entrevistas/345-faro-jornalistico-para-achar-grandes-desacontecimentos.html> acesso: 17 de dez. de 2019

dedico, em geral, a contar o que chamei de “a vida que ninguém vê”, provando o contrário (BRUM¹⁵, 2011).

Toda vida vale uma história, para a jornalista, independe dos critérios de noticiabilidade postos para o jornalismo diário. Eliane entende que, não somente o homem que morde o cachorro vale uma narrativa, para ela o cachorro que morde o homem, fato corriqueiro, também vale ser contado. Afinal, aquele homem e aquele cachorro são únicos, tudo o que os trouxe até o fato os torna singulares, e é justamente essa singularidade de cada ser que pode e deve ser contada.

Somos igualmente diferentes, a única desigualdade que nos iguala. A singularidade do que sou, só eu sou. A singularidade do que é você, só você é. O que deixarmos de criar será uma ausência no mundo. Uma existência perdida – ou desperdiçada – faz um rasgo no tecido invisível da história (BRUM, 2014, p.91).

Para ela, é como palavra escrita que podemos existir. E é também a partir do ato de escrever sobre e para o outro que nasce e sobrevive a jornalista. “Toda história contada é um corpo que pode existir. É uma apropriação de si pela letra-marca de sua passagem pelo mundo”, (BRUM, 2014, p.98). E, assim, criando princípios para vidas invisíveis, por meio das histórias que narra, a jornalista desacontece nas vidas das pessoas e acontece em sua própria existência.

Assim como a identidade precisa do outro para ser construída, a reportagem também se faz devido a existência do outro. A reportagem é despir-se de si para vestir a pele do outro.

Reportagem não se faz apenas sujando os sapatos, como tantos já disseram. Reportagem exige um primeiro movimento radical: atravessar a larga rua de si mesmo. Este talvez seja o ato mais profundo e também o mais difícil. Não exige apenas suor, exige alteridade (BRUM, 2017).

¹⁵ Entrevista cedida à Luís Henrique Pellanda, repórter da revista Suplemento Pernambuco. Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/entrevistas/345-faro-jornalistico-para-achar-grandes-desacontecimentos.html> acesso: 17 de dez. de 2019

E é isso que Eliane faz em relação a seus personagens. Muito mais que entrevistar, ela escuta, olha e sente, tudo que eles têm a dizer, ou até mesmo entende aquilo que não dizem.

Pela escuta não apenas ouvimos, mas vestimos. A reportagem é um despir-se de si para vestir um outro. E então empreender o largo caminho de volta e fazer o parto das palavras, que é a história contada atravessada pelo corpo de quem voltou para dar notícias de lá. De um lá que no movimento da reportagem virou lá e aqui (BRUM, 2017).

Esse movimento praticado por Eliane remete ao que Alfredo Bosi (1988) chama de ato de olhar, que além de ver, consegue gerar significado naquilo que enxerga. “[...] O ato de olhar significa um dirigir a mente para um “ato de intencionalidade”, um ato de significação que, para Husserl, define a essência dos atos humanos” (p.65).

Alfredo Bosi (1988) também mostra a diferenciação dos termos olho e olhar, em outras línguas. Se em português as palavras se casam, em outras línguas, a distinção se faz clara, o que ajuda o pensamento a manter as diferenças. “Em espanhol: *ojo* é o órgão; mas o ato de olhar é *mirada*. Em francês: *oeil* é olho; mas o ato é *regard/regarder*. Em inglês: *eye* não está em *look*. Em italiano, uma coisa é o *occhio* e outra é o *sguardo*” (BOSI, 1988, p.66). A partir dessa distinção, surge a percepção pela qual se distingue o órgão receptor externo, o “olho”, e o movimento interno do ser que se põe em busca de informações e de significações, que é o “olhar”.

Para Marilena Chauí (1988), o olhar é a janela da alma e o espelho do mundo, pois é por meio do olhar que se pode entender o que está dentro de cada um de nós. “[...] a visão se faz em nós pelo fora e, simultaneamente, se faz de nós para fora, olhar é, ao mesmo tempo, sair de si e trazer o mundo para dentro de si. [...] a visão depende de nós e se origina em nossos olhos, expondo nosso interior ao exterior, falamos em janelas da alma” (p.33). Sobre o ato de ver, a autora aprofunda:

Mas, o que é ver? Da raiz indo-européia *weid*, ver é olhar para tomar conhecimento e para ter conhecimento. Esse laço entre ver e conhecer, de um olhar que se tornou cognoscente e não apenas espectador desatento, é o que o verbo grego *eidô* exprime. *Eidô*- ver,

observar, examinar, fazer ver, instruir, instruir-se, informar, informar-se, conhecer, *saber* – e, no latim, da mesma raiz, *vídeo* – ver, olhar, perceber- e *viso* – visar, ir olhar, ir ver, examinar, observar (CHAUI, 1988, p.35).

E, para Eliane Brum, ver é entender, compreender os sentimentos do outro e transformá-lo em narrativa. Para, a partir de então, a vida narrada ter significado e a da escritora a fazer sentido. A escritora compreende sua escrita como uma linha que costura feridas. “Não para apagá-las. Mas para eternizá-las em letras-cicatrizes neste outro corpo que nos une, o da experiência coletiva – ou a trama que atravessa a própria linguagem para fazer o diálogo dos mundos. E também a resistência”, (BRUM, 2017). Ao mesmo tempo que costura os pedaços de quem narra, a jornalista junta os seus próprios pedaços, e assim também consegue se colocar diante do outro. “Aos poucos percebi que só poderia me colocar diante do outro, de todos os outros, como eu era. Quebrada. Com toda a integridade das minhas fraturas, das quais finalmente fiz um vitral. Minha força é, agora eu sei, saber-me quebrada”, (BRUM, 2014, p.125).

O ponto-final de quem conta nunca é fim, apenas princípio”, (BRUM, 2014, p.98). Por meio dessa afirmação é possível entender que, ao fazer o movimento de olhar e narrar, a jornalista sai de si e depois traz o mundo para dentro de si, num movimento contínuo de construção e formação de identidade por meio da relação com o outro. Toda palavra que ouve deixa rastro em sua memória. Assim, os pontos finais de suas histórias (vivas e narradas), que são, na verdade, reticências em sua vida, tornando a escrita um ciclo sem fim, algo que dá sentido a quem é Eliane Brum, jornalista, mulher, mãe, filha, neta, amiga e uma ótima ouvinte.

4 RETICÊNCIAS ¹⁶...

Eliane Brum diz que o ponto final de quem narra nunca é fim, apenas princípio. Consideramos que o mesmo conceito pode ser aplicado quando se trata de pesquisa. Esse não é o ponto final, é apenas uma perspectiva analisada entre tantas possíveis. Preferimos nomeá-lo de reticências levando em conta que esse não é o fim e essas são algumas considerações possíveis em meio a outras que a pesquisa pode nos proporcionar. No entanto, pretende-se fazer algumas considerações, a respeito do proposto no início da dissertação.

Recuperando nosso trajeto, acredito que conseguimos contextualizar e cumprir com os objetivos propostos no início da pesquisa. Analisamos os traços de memória e identidades contidos na obra autobiográfica *Meus Desacontecimentos: a história da minha vida com as palavras*. Evidenciando como a escrita literária corrobora a construção da identidade de jornalista de Eliane Brum. Para isso, nos capítulos que antecedem à análise, dissertamos os conceitos de escritas de si, memória individual e coletiva, identidades, jornalismo literário e ficção. No capítulo da análise, “O caminho até si mesma”, utilizando do método hermenêutico, costuramos nossa visão do assunto, com o embasamento teórico e com trechos da obra.

Ao longo da pesquisa, e levando em consideração o embasamento teórico utilizado, como, por exemplo, Candau (2018), Halbwachs (2004) e Hall (2019), verifica-se que a identidade é realmente formada na relação com o outro e construída, continuamente, na alteridade. Durante a análise, lembrei-me do trecho de um poema de Shakespeare em que diz que “[um dia você] aprende que há mais dos seus pais em você do que você supunha”. E agora, nesse período de contatações, ousou acrescentar que além dos nossos pais, há também em nós rastros dos nossos irmãos e tias, de Lilis e de Luzias que conhecemos, dos Machados e Simones que lemos, de Nincias e Arianes ¹⁷que escutamos, e

¹⁶ Peço licença poética pois, nessas considerações finais chamadas reticências, escrevo em primeira pessoa. Nesse momento a pesquisadora Any deu voz aos seus desacontecimentos que surgiram ao longo da dissertação. A utilização da terceira pessoa do plural em alguns momentos diz respeito ao fato de que todo o trabalho foi feito sob a orientação da Professora Doutora Nincia.

¹⁷ Os presentes nomes fazem referência à duas professoras que serviram de inspiração durante a graduação e posteriormente durante a caminhada do Mestrado.

também de inúmeras vidas anônimas que encontramos no decorrer da nossa caminhada. Assim, cada dia é possível ‘encarnar’ um personagem fantasticamente real, e assumir uma das várias identidades que nos constituem.

No decorrer da dissertação, o termo identidades foi utilizado no plural e, também, na posição da provisoriedade, pois, como afirma Hall (2019), o conceito deve ser visto como um processo em andamento e instável, já que a autora se constitui a partir da diferença e no contato com o exterior, formando, assim, a pluralidade que nos constitui e que constrói as identidades, essas sendo obras que nunca se encerram.

Uma autobiografia é uma vida escrevendo a própria vida. Ao percorrer as memórias da infância a autora consegue resgatar a relação dela com as palavras. Memória e identidade, ambas construções discursivas, se juntam na narrativa, pois ao narrar-se Eliane Brum mobiliza seu repositório de experiências, põe em ação tudo o que a constitui.

Segundo Antonio Candido, a Literatura serve para lidar com o caos interior e Eliane Brum lida com seu caos por meio da escrita, ao fazer um mergulho em seu passado e percorrer suas memórias de infância, resgata a relação com a palavra, resgatando, também, sua identidade, a essência que a subjaz.

A partir das leituras realizadas, verificamos que a memória é o meio que permite a atuação do passado no presente, por intermédio das lembranças. Desta forma, atuando coletivamente ou individualmente, a memória pode ser vista como dispositivo atuante na reconfiguração das identidades, sendo que, permite ao sujeito que apodere-se de imagens do passado para se consolidar no presente.

A escritora traduz toda a sua sensibilidade em palavras. Eliane é dona de uma escrita leve e, ao mesmo tempo, profunda. A criatividade na construção dos textos, bem como o uso de recursos do simbolismo, além do estilo próprio e a voz autoral, está sempre manifesto em seus escritos. A escrita criativa não poupa a imaginação do leitor, esse recurso também é usado para preencher lacunas, quando se trata de memória, e para deixar a escrita mais interessante e com riqueza nos detalhes. Ao escrever os “desacontecimentos” a autora constrói uma existência e cria significados para as vidas que são narradas. E também para a sua própria existência.

O termo “desacontecimentos” além de estar presente no título, é também usado com frequência pela autora no decorrer do livro. Ao longo da pesquisa foi possível notar que o termo é, também, figura certa em suas reportagens e, assim, é possível constatar que os desacontecimentos são histórias comuns narradas de forma extraordinária. É o meio que a jornalista encontra para fugir dos critérios de noticiabilidade para noticiar o que há de mais belo no mundo, a existência humana. A jornalista conta que enxerga sua escrita como uma linha que costura feridas. “Não para apagá-las, o que eu tanto temia. Mas para eternizá-las em letras-cicatrizes neste outro corpo que nos une, o da experiência coletiva – ou a trama que atravessa a própria linguagem para fazer o diálogo dos mundos. E também a resistência” (BRUM, 2017).

A relação da Eliane com as palavras é uma relação íntima, de entrega necessária, um caso até de sobrevivência. A autora se constitui a partir da escrita, e também dá significado a existência do outro. A menina que flertava com a morte foi salva pela palavra escrita, a literatura a fez nascer novamente. E assim, também, parir inúmeras vidas em sua jornada pelo mundo das palavras.

E, hoje, é possível notar que a escrita não foi apenas um tijolo, mas um pilar de sustentação na construção de quem ela é atualmente. Eliane constrói um corpo, uma narrativa por meio da palavra escrita. A palavra é o instrumento que a jornalista e escritora usa para tecer significados para a própria existência, traça a sua narrativa e afirma sua singularidade.

5 REFERÊNCIAS

ABIB, T.; VENTURA, M. O jornalismo de desacontencimentos: um estudo da produção noticiosa de Eliane Bru. **Anais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. Bauru, SP: Intercom, 2013.

BARROS, C. M. Foco no personagem: apontamentos sobre as práticas jornalísticas a partir do trabalho de Eliane Brum. **Anais do XIII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Nordeste**. São Paulo: Intercom, 2014.

BAUMAN, Z. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2005.

BERGSON, H. **Matéria e Memória** – ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, A. Fenomenologia do olhar. In: NOVAES, Adalto (org.). **O Olhar**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1988

BROCKMEIER, J.; HARRE, R. Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo . **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 16, n. 3, 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722003000300011&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 22 de set. de 2017.

BRUM, E. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

_____. **Meus desacontencimentos**: a história da minha vida com as palavras. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2014.

_____. **O olho da rua**: uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Globo, 2008.

_____. **A menina quebrada**. Porto Alegre: Arquipélago, 2013.

_____. Reportagem é despir-se de si. **Suplemento Pernambuco**. 27 de abr. de 2017. Disponível em: www.suplementopernambuco.com.br/inéditos/1855-eliane-brum-reportagem-é-despir-se-de-si.html. Acesso em: 17 de dez. de 2019.

BULHÕES, M. M. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e cidadãos** – Conflitos multiculturais da globalização. Trad. Mauricio Santana Dias, Rio de Janeiro. Ed. Uerj, 2006.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2018.

CARDARELLI, R. Entrevista: Eliane Brum. “O bom jornalismo se aplica a tudo o que é da vida”. In: **Observatório da Imprensa**. 2013. Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/_ed737_o_bom_jornalismo_se_aplica_a_tudo_o_que_e_da_vida/ Acesso em: 20 de dez. de 2019.

CARREIRA, A. F. **O silêncio na psicanálise**. 2013. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&edicao=91&id=1125> Acesso em: 11 de nov. de 2019.

CASARIN, R. Entrevista: Eliane Brum. A vida como uma série de “habitações”. **Suplemento Pernambuco**. 2014. Disponível em <http://www.suplementopernambuco.com.br/component/content/article.html?id=1176> Acesso em: 29 de nov. De 2019.

CHAUÍ, M. Janela da alma, espelho do mundo. In: NOVAES, Adalto (org.). **O Olhar**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1988.

CLAUDINO, M. “**O Sal das Rosas**” http://www.saldaterraluzdomundo.net/Livros_Lan%C3%A7amentos_sal_das_rosas.htm.. Acesso em: 2 de jun. de 2012.

COSTA LIMA, L. Júbilos e misérias do pequeno eu. In: **Sociedade e discurso ficcional**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

COSTA LIMA, L. (Org.) **Teoria da literatura em suas fontes**. 2 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983.

DANTAS, A. **Repórteres**. São Paulo: Senac, 2014.

DUARTE, L. F. “A construção social da memória moderna”. In: **Três ensaios sobre pessoa e modernidade**. Boletim do Museu Nacional. Rio de Janeiro, p.28-54, 1981.

EAGLETON, T. **Teoria da Literatura: uma introdução**. Trad. Waltensir Dutra; São Paulo: Martins Fontes, 4 ed., 2001.

FABRI, G; BOCCACCIO, G. A palavra salva de Eliane Brum. **Portal Fórum**, 11 de abril de 2014. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/noticias/palavra-salva-de-eliane-brum/amp/> . Acesso em: 20 de dez. de 2019

FONSECA, I.; SIMÕES, P. **Alteridade no jornalismo**: um mergulho nas histórias de vida do livro “A vida que ninguém vê”. *Anais XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste*. São Paulo: Intercom, 2011.

FOUCAULT, M. **O que é um autor**. Vega: Lisboa, 1994.

GADAMER , H. G. **Verdade e método** : traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Tradução F.P. Meurer; E.P.Gianchini; M.S.C. Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

GASS, William. A arte do self. **Folha de São Paulo**, 21 agosto 1994, Mais, p.6-4.

GINZBURG, C. **Olhos de madeira**. Nave reflexões sobre a distância. São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. Ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.

_____. Quem precisa de identidade? In.: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2014.

HUYSSSEN, A. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. 116 p.

ISER, W. Os atos de fingir ou o que é fictício no ficcional. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da literatura em suas fontes: vol. II**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983, p. 384-416.

KRYMINICE, F.; REBINSKI JUNIOR, L. Entrevista: Eliane Brum. Há certas realidades que só a ficção suporta. In: **Cândido - Jornal da Biblioteca Pública do Paraná**. Disponível em: <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=156>. Acesso em: 11 de jul. de 2019.

LE GOFF, J. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão [et. al.]. Ed. 4. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1996.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

MATHIAS, M. D. Autobiografias e diários. In: **Colóquio letras**, Nº143/144, 1997. P.41

NORA, P. **Entre memória e história – a problemática dos lugares**. Trad. Yara Aun Khoury. Revista Projeto História, São Paulo PUC-SP, n. 10, p.7-28, dez. 1993.

OLIVEIRA, J. Entrevista: Eliane Brum. Eliane Brum e a arte de escrever para não matar e para não morrer. In: **El País**. 2019 Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/10/cultura/1570717717_753040.html acesso em: 03 de dez. de 2019.

OLIVEIRA, M. A. C. LEÃO, A. L. M. Sendo aos olhos do outro: o papel da alteridade na construção da identidade metrosssexual. **R. de Administração**, São Paulo, v. 47, n.2, p.264-274, jun. 2012

ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 4ª. Ed. Campinas: Pontes, 2002.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni P. Orlandi [et. al.] – Campinas, SP: editora da UNICAMP, 1997.

PELLANDA, L. H. Entrevista: Eliane Brum. Faro jornalístico para achar grandes desacontencimentos. In: **Suplemento Pernambuco**. 2011. Disponível em: <http://www.suplementopernambuco.com.br/entrevistas/345-faro-jornalistico-para-achar-grandes-desacontencimentos.html>. Acesso em: 17 de dez. de 2019.

PENA, F. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2008.

PERROT, A. C. Memória, autobiografia e ficção em Diário do Hospício e O Cemitério dos vivos, de Lima Barreto. In: **VI SEAD - Seminário de Estudos em Análise do Discurso**, 2013, Porto Alegre, RS, Brasil. Anais do VI SEAD, 2013.

PESAVENTO, S. J. O mundo como texto: leituras da História e da Literatura. **Histórias da Educação**, Pelotas, v. 7, n. 14, set. 2013.

PICCINI, F.; NOBRE, K. "Quando a fonte vira personagem". In: **Tecendo conexões entre cognição, linguagem e leitura**. Curitiba: Multideia, 2014. p. 425-439.

POLLAK, M. Memórias, esquecimentos, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: Ed UFRJ, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

QUEIRÓS, F. A. T.; MENDES, F. M. M. "Vidas anônimas: jornalismo e literatura em 'A vida que ninguém vê'". **Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2015.

REMÉDIOS, M.L. **Literatura Confessional – autobiografia e ficcionalidade**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

ROCHA, C. A explosão intimista na época contemporânea. In: **As máscaras de Narciso. Estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal**. Coimbra: Almedina, 1992.

SARLO, B. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHOLLHAMMER, K. E. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SERELLE, M. O Outro e o Mesmo nas reportagens de Eliane Brum. In: **Mediações Críticas: representações na cultura midiática**. São Paulo: ECA/USP, 2017.

SIBILIA, P. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SOUZA, M. J. A memória como matéria prima para uma identidade: Apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. **Revista Graphos**. Pelotas: UFPB, vol. 16, n.1, 2014.

VELASCO, T. M.. Escritas de Si Contemporâneas: Uma Discussão Conceitual. **Anais eletrônico XVI ABRALIC**. Disponível em: http://www.abralic.org.br/anais/arquivos/2015_1456108793.pdf

VIANA, M. J. M. **Do sótão à vitrine**: memórias de mulheres brasileiras. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1993.

WELLER, W.. A hermenêutica como método empírico de investigação. In: **30ª Reunião Anual da ANPEd**, 2007, Caxambu. 30ª Reunião Anual da ANPEd, 2007. p. 1-16.

WOLFE, T.. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, TT (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014.